



JORNAL do ALGARVE

FUNDADOR: JOSÉ BARÃO

DIRECTOR: ANTÓNIO BARÃO

ANO 18.º

SÁBADO, 6 DE JULHO DE 1974

AVENÇA

N.º 902

A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE TODOS OS JORNAIS DO ALGARVE.

PROPRIEDADE — V.º e HERD.º DE JOSÉ BARÃO

OFICINAS: EMP. LITOGRAFICA DO SUL, S. A. R. L. — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO BRASIL, 48 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — TELEF. 254 LISBOA — TELEF. 361839 FARO — TELEF. 22322 AVULSO 2\$50

A CONFIANÇA TEM DE CONTINUAR A SER A NOSSA ARMA

A CONFIANÇA, mais do que a alegria, foi o primeiro sentimento que nos trouxe a marcial alvorada de 25 de Abril. As marchas militares, sucedendo-se, diziam-nos que a revolução prosseguia e enchiam-nos de algo que não era alegria mas que se sobrepuñha à inquietude que nos apertava o peito. Foi no seu compasso, vigoroso, que bebemos a confiança que nos fazia acreditar na validade e na vitória desse movimento que não sabíamos de onde vinha. Mas era a revolução... E nós esperávamos, desesperadamente, por uma revolução. Uma revolução que nos libertasse ou que, pelo menos, dividindo, abrisse o caminho para a vitória das forças democráticas. Foram horas de ansiosa expectativa que passámos! Foram horas de esperança que vivemos! Foram horas de pesar por não podermos, nós também, estar lá, ali, aonde a batalha se decidia. Agora, revivendo essas horas, vemos que a Revolução de 25 de Abril foi a Revolução da Confiança. A confiança de que as Forças Armadas se sentiam apossadas, a confiança que logo mereceram do Povo, a confiança que impuseram

às gentes ditas fiéis. Foi a confiança a destroçar, sem uma bala e em poucas horas, a máquina que levou quarenta e oito anos a apertar-se e se julgava imbatível. Mas a confiança, arma que derrotou o estado fascista, será também a arma que consolidará o novo regime, embrião da Democracia Portuguesa, e cabe aos Portugueses que o constituem mantê-la bem viva e constante no espírito de to-

dos. Para tanto, há que continuar a impô-la aos partidários do estado deposto, com a espantosa força que, no dia 25 de Abril, os levou ao descrédito de si próprios, à confusão, ao aniquilamento moral, à derrota; para tanto, há que continuar a merecê-la, na mesma ilimitada dimensão do Povo que com o coração pleno de alegria viveu a Revolução.

Este dualismo, contrastante, de

por Maria Carlota

conflança que o Governo tem de continuar a inspirar, terá que impor-se através de uma conduta pública que não lhes dê azo para excitantes esperanças e incitantes procedimentos, nem a nós motivos para dolorosas inquietações e perturbadores estados. Não o tem, porém, feito, pelo menos na medida necessária, e disso começam a ser testemunho certos acontecimentos vindos das duas partes: a deposta e a vigente. É o reavivar dos primeiros, nascido na disciplina dos processos rigorosamente democráticos que lhe estão a ser aplicados; é a inquietude dos segundos, provocada por um estado de fatigante expectativa que lhes vai quebrando o ânimo, arrefecendo a crença, desordenando as ideias, tornando dúbios os passos. É uma situação negativa a que se chegou pelo desconhecimento da assistência psicológica de que o Povo necessita; é uma situação negativa gerada pela retardação de certas medidas e, especialmente, pela descrição dos serviços noticiosos emanados dos

(Conclui na 3.ª página)



Barcos de tresmalho em Monte Gordo

ALÔ, VILA REAL QUEM ACODE A MONTE GORDO?

SURTIU mais uma época balnear. Como o tempo corre, velozmente! Tão veloz que quase não nos apercebemos da passagem de mais um ano.

Em Monte Gordo já está tudo a postos para receber os veraneantes. As águas da praia, vão-se tornando sensivelmente mais cristalinas e mais tépidas. As areias, não obstante o tórrido Sol que por vezes as surte implacavelmente, continuam sempre douradas. É mais um ano que passa. Mas não é o correr depressa que me leva a exteriorizar estes queixumes que proliferam há já uns anos, sem que ninguém, infelizmente, deles se conda.

Monte Gordo está totalmente desprezada por aqueles que têm direito a velar por ela. É e por reconhecer o desplane dos indivíduos responsáveis por tantas anodias.

por José dos Anjos Rodrigues

malias que vitimam Monte Gordo, que exprimo os meus queixumes que formam um agregado de censuras dos que desejam um pouco de comodidade e condições higiénicas, o que é lógico, mas que não

(Conclui na 3.ª página)

Quem paga ao pessoal da mina de sal-gema de Loulé?

ASSINADA por 35 empregados da Mina Campina de Cima, da Clona - Mineira de Sais Alcalinos, S. A. R. L., Loulé, recebemos a seguinte carta:

Sr. director,

A CLONA - Mineira de Sais Alcalinos, S. A. R. L., com escritórios na Av. Duque d'Ávila, 56-5.º - Dto. em Lisboa, deve nesta data aos trabalhadores da mina de sal-gema que explora em Loulé, o seguinte: Assalariados, todo o mês de Junho p. p.; mensais, 60% dos ordenados de Maio e todos o mês de Junho p. p.

Por este motivo, todas as actividades da mina se encontram paradas desde o dia 17 de Junho, aguardando o pessoal que lhe sejam pagos os ordenados e salários em dívida para recomençar o trabalho.

Embora todos os dias, por telex, seja pedida à administração a solução deste problema, até à data não foi obtida qualquer resposta. Devemos notar que a paragem das actividades mineiras se deve somente à falta de pagamentos de ordenados e salários e não a qualquer reivindicação, visto o pessoal não desejar criar problemas neste momento político.

A situação do pessoal é aflitiva, o que nos leva a pedir a vossa ajuda tornando este assunto conhecido.

Com os nossos agradecimentos, nos subscrevemos em nome do pessoal.

O PASSO QUE FALTA DAR

N ESTES tempos agitados que vivemos, encontramos duas espécies curiosas de pessimistas políticos: os das direitas e os das esquerdas.

O pessimista das direitas é, via de regra, um senhor de mais de 50 anos, bem barbeado, bem falante e bem vestido. Começa por pintar com as suas negras cores a anarquia ora reinante. Segue dizendo que tal anarquia faz decrescer, em flecha, a produtividade. E conclui (esfregando, no íntimo, as perfumadas mãoszinhas, de unhas bem cuidadas) pelo regresso de Caetano ao trono, apoiado, até, por tropas espanholas que aos milhares, se encontram na fronteira, alojados na bodega da D. Pepa.

O pessimista das esquerdas é, via de regra, um homem de 30 a 40 anos, barbudo, cabeludo, bem falante e gesticulante. Começa por acusar a desunção dos anti-fascistas. Segue dizendo que tal desunção provocará o reagrupamento dos fascistas. E conclui, com profunda e sincera mágoa, por um regresso ao poder dos fascistas, com o inevitável cortejo de horrores que tal sempre acarretou em todos os tempos e em todos os países.

Parece-me que um estudo algo mais profundo dos interesses em conflito pode afastar tais pessimismos. Senão, vejamos.

O fascismo surgiu por virtude da miséria económica causada pela guerra de 14-18, da brutalidade de costumes derivada da guerra e da necessidade de ordem que tem o comerciante para vender sossegadamente os seus artigos. Num país como a Itália, cujo povo é particularmente individualista e

pelo dr. Afonso de Castro Mendes

grandemente excitável, tem de compreender-se o que sentia o comerciante, o médio burguês, perante a exacerbção de discussões já de si não muito calmas, tudo aliado a uma ainda maior brutalidade de costumes.

Na Alemanha, a estes factores veio ainda aliar-se um profundo

(Conclui na 6.ª página)

NOTA da redacção

A OPINIÃO pública teria de ser convenientemente informada através de uma imprensa válida. Os jornais portugueses estavam — e alguns continuam ainda — enfeudados a determinadas figuras e grupos capitalistas que se serviam apenas dos órgãos da informação em defesa dos seus interesses.

Por isso, depois do 25 de Abril, e com a liberdade de informação, surgiu o problema do saneamento nas direcções e administrações dos jornais mais comprometidos. Alguns não poderiam subsistir por si próprios, como o caso da «Época»; outros teriam de ser saneados a partir do cume, como o «Diário de Notícias». A imagem que um e outro apresentavam ao público estava demasiado comprometida com o antigo regime para sobreviver. Os outros jornais acabariam por arrumar-se com a eleição de conselhos de redacção ou a escolha democrática de novos dirigentes no seu próprio seio.

Mas o problema subsiste: os grupos económicos continuam a dominar alguns órgãos da informação, o que pode ser nefasto para a opinião pública. Quem defende os princípios da idoneidade e da objectividade com que se deve servir o leitor? Esta é a missão do próprio jornalista, alerta contra as interferências estranhas à profissão.

Claro que os jornais acabarão por se fixar em certos matizes políticos, como acontece em todo o Mundo. Mas defendendo uma facção socialista ou outra qualquer, a informação propriamente dita pode conservar-se independente e objectiva, dentro dos

A DEMOCRATIZAÇÃO PELA IMPRENSA

princípios deontológicos que regem a Imprensa.

Daí a necessidade de existirem à frente dos jornais e das redacções pessoas suficientemente idóneas e imparciais que possam garantir a defesa de princípios sagrados que não devem ser esquecidos por quem escreve nos jornais.

A liberdade de Imprensa só pode ser limitada por legislação governamental, como aliás vem acontecendo no nosso País.

@ saúde é a maior riqueza

ÚTIL E AGRADÁVEL

Alface, agrião, cenoura, beterraba, rabanete, vagem e ervilha, não só tornam os pratos bonitos e mais apetitosos, mas também reforçam o seu valor nutritivo.

Faça da cozinha uma arte e uma ciência combinando convenientemente os alimentos.

Festival Internacional no Algarve

SEGUNDO a Agência Ani, foi anunciada em Paris a realização, de 10 a 26 do próximo mês, do primeiro Festival Internacional do Algarve.

A comissão organizadora conta com a colaboração da Secretaria de Estado de Turismo, da Direcção-Geral da Cultura e da Comissão Regional de Turismo do Algarve. A direcção artística está a cargo de René Both e Jacques Petat.

Entre outras atracções contam-se o compositor grego Mikis Theodorakis, que em antestreia apresentará a sua Cantata a Pablo Neruda; «Les Percussions de Strasbourg», que criarão a «Persephassa» de Xenakis; Juliette Greco; Michel Chapuis, que dará um recital utilizando o órgão de Faro, recentemente restaurado pela Fundação Calouste Goubenlian; Huguerite Dreyfus, em obras de Couperin e Bach e uma sessão de «jazz» estilo Nova Orleães.

O Teatro de Pesquisa Comuna diz-se, deu a sua adesão ao festival, durante o qual será igualmente apresentada uma grande exposição dos pintores modernos portugueses.

SESSÃO POLÍTICA EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

NO Cine-Foz, de Vila Real de Santo António, realizou-se, na penúltima sexta-feira, nova sessão de esclarecimento político promovida pela comissão concelha do Movimento Democrático Português. A ampla sala, encontrava-se cheia e nas paredes viam-se cartazes alusivos ao momento político e grandes dísticos em que se lia «Viva Portugal livre e democrático», «Acabem com os monopólios» e «Fim aos imperialismos».

Constituída a mesa por elementos do M. D. P. e pelos oradores da sessão, foram chamados para a mesma os srs. João Rodrigues, democrata vila-realense que por motivos políticos estivera 11 anos detido no Tarrafal; dr. Raul Folque de Brito; Emílio Santos; membros da comissão concelha de Castro Marim do M. D. P.; Manuel José, da Silva, pelo Sindicato dos Operários Conservadores e Guilherme Carromba.

Fez a apresentação dos oradores o sr. João Ulão Setúbal, que leu uma carta do eng. José de Brito

Folque, explicando os motivos inadiáveis que o impediram de estar presente na sessão, como prometera, e que ficava à disposição para qualquer outra oportunidade.

Abriu os discursos o dr. Fernando Furtado, da comissão local do M. D. P., que citou a frase «o presente está cheio de passado e carregado de futuro», para aludir à situação aflitiva na assistência hospitalar e no sector agrícola, afirmando, no capítulo do ensino, que oitenta por cento dos professores não têm um curso porque o Governo anterior lhes cerceou as possibilidades de o alcançarem e que só agora a maior parte destes poderá usufruir de vencimentos durante as férias. Referiu a necessidade de se pôr termo à guerra colonial e terminou pedindo que todos se dessem as mãos para, na arrancada da liberdade, se defender a democracia.

O dr. Francisco Clamote, também da comissão local do M. D. P. disse que com o Movimento das

(Conclui na 3.ª página)

Precisa-se

Técnico especializado na conserva de sardinhas e anchovas para importante fábrica de conservas de Agadir (Maroc).

Resposta à: STÉ ESPADON — 82 Rue Dumont d'Urville Casablanca — Maroc.

CRÓNICA DE FARO

por JOÃO LEAL

A Alameda e o Verão

DESDE há anos que se vem apontando o inestimável serviço que representava para a cidade funcionar à noite a Alameda João de Deus durante o período estival. Na estação quente, nestas cálidas noites suíneas, aquele pulmão verde, que só é pena os farenses não utilizarem mais, representaria um oásis e excelente local para lazer.

Uma grande parte da população, passa esta época na própria cidade e veja-se que, no período em que mais possibilidades e até mais vontade teria de ir à Alameda, esta encontra-se encerrada. A sugestão que de há anos vem surgindo na imprensa, respondida à Câmara Municipal de Faro sistematicamente com a promessa de que era nesse ano que aquele belo jardim ia abrir. Porém, nem o próprio trabalho de uma equipa de habitantes que projectou todo um conjunto de iniciativas de carácter cultural, recreativo e desportivo, nem isso obteve sucesso e o recinto continua a encerrar ao pôr-do-sol.

Conhecemos por esse País fora, jardins com menores condições a funcionar com plena serventia e goáudio das populações, à noite. Aqui, um valor e património da cidade que ao total serviço da cidade deveria estar, continua a funcionar apenas a 50%. Dispõe a Alameda João de Deus de instalações luminosas e até sonora. Falar das excelências do local, do seu sossego, mesmo dos pontos de interesse (o mini-golfe, o parque infantil, o ténis, etc.) parece-nos supérfluo, pois existe toda uma concordância de opiniões sobre isso. Dizer que falta um pequeno conjunto de unidades de apoio, tais como um café-bar, é dar o contributo para um racional funcionamento. Referir que muitas iniciativas (caso da feira dominical das moedas, medalhas, selos e antiguidades) ali podiam ocorrer, é o rápido memoriar de uma dinamização do recinto.

Faro precisa da sua Alameda ao serviço da cidade, nestas noites estivais e que a promessa de há anos se cumpra agora. E entretanto, mais um pedido: que se acabe com aquela taxa de 1500 para utilização do único parque infantil da cidade. Todas as crianças (em especial as que menos podem) têm o direito de a todas as horas, irem frequentar o seu parque.

Estamos certos de que «Alameda à noite» e «parque infantil sem taxas» encontrarão o bom despacho dos cidadãos que para servirem a cidade por ela trabalham com afã e generosidade na Comissão Administrativa do Município.

ROUBOS NO ALGARVE

A sr.ª D. Maria Antónia da Costa Narigão, residente na Travessa João de Deus, em Faro, regressava com uma filha, sr.ª D. Deoliva do Carmo, da missa à sua residência. Eis senão quando ao passar junto a um automóvel que se encontrava estacionado, dois meliantes que o ocupavam deturaram as mãos às malas que as senhoras levavam. Conseguiram furtar a da sr.ª D. Maria Antónia da Costa Narigão, na qual se encontravam valores no montante de dezenas de contos, pondo-se de pronto em fuga.

Ao sr. José dos Santos, pintor de profissão, residente em Aljezur, roubaram os larápios o seu automóvel Morris 1300, com a matrícula AL-76-44.

Em Loulé, o sr. Manuel Dias Mateus, deixara ficar o carro estacionado frente à residência. Madrugada alta, acordou e notou que o veículo se punha em marcha. Em trajos menores, desceu à rua e, utilizando o carro do sogro, perseguiu o larápio. Este perdeu a calma e, na Cruz da Assomada, despitou-se. O carro ficou com avarias e ferido o condutor, Henrique Manuel Velez Santos, de 18 anos, residente em Lisboa, com morada incerta. Transportado ao Hospital de Loulé, recolheu a uma enfermaria, em estado de coma e sob prisão.

Sementeira de trigo no valor de dezenas de contos destruída por um incêndio

Na propriedade denominada Corte do Bispo, localizada próximo de Bensafim, quando os meeiros procediam à ceifa mecânica, utilizando uma pequena ceifeira movida a força motriz, uma farsca saída do tubo de escape pegou fogo ao restólho, e não obstante o esforço despendido pelo pessoal o fogo propagou-se a uma vasta sementeira que lhe ficava contígua, destruindo-a quase na totalidade e pondo em risco casas de lavoura da propriedade, que é pertença do sr. José Filipe Fialho, residente em Lagos. A Corporação dos Bombeiros Voluntários de Lagos compareceu tendo utilizado algumas viaturas e material diverso, evitando que o sinistro tomasse maiores proporções. Os prejuízos que se elevam a dezenas de contos, não estavam cobertos pelo seguro. — C.

JORNAL DO ALGARVE
N.º 902 — 6-7-1974

TRIBUNAL JUDICIAL DA
COMARCA DE VILA REAL
DE SANTO ANTÓNIO

Anúncio

1.ª PUBLICAÇÃO

Faz-se saber que na Acção Especial do art. 68.º do Código da Estrada, com o n.º 14/74, que corre termos por este Tribunal Judicial de Vila Real de Santo António, que António Martins, solteiro, industrial de transportes automóveis, residente na Rua de Angola n.º 38, em Vila Real de Santo António, move contra JOSÉ GRADE, casado, viajante, com a última residência conhecida na Avenida do Rio de Janeiro n.º 9, 1.º andar, dt.º, em Lisboa, e outra, é aquele Réu José Grade, CITADO, para contestar, querendo, no prazo de 10 DIAS, finda a dilação de 30 dias, e a contar da publicação, pela segunda vez, do respectivo anúncio, o pedido formulado pelo referido António Martins que consiste em os réus serem condenados a pagar-lhe a indemnização de 21 000\$00 pelos danos causados no automóvel com a matrícula LB-91-47, propriedade do Autor, em consequência do acidente de viação ocorrido em 11-9-973, nesta vila, com o auto ligeiro GA-56-24 conduzido e propriedade do réu Grade e segurado na Companhia de Seguros «Império», sendo condenado no pedido não contestando.

Vila Real de Santo António,
1 de Julho de 1974

O Juiz de Direito,

(a) Luís Flores Ribeiro

O escrivão,

(a) Américo Guerreiro
Correia

ECOS

Partidas e chegadas

Com sua esposa está passando férias no Monte Francisco (Castro Marim), o sr. António Miguel Correia Madeira, nosso assinante em França.

Esteve em Vila Real de Santo António e visitou a nossa Redacção o sr. Júlio do Carmo Padessa, presidente do Clube de Turismo do Atlântico, de Lisboa.

Com sua esposa, sr.ª D. Rosa da Costa Silva, e filha, está a férias nas Hortas de Vila Real de Santo António o sr. Francisco dos Anjos Silva.

Está gozando férias no sítio do Buraco (Vila Nova de Cacela) o sr. Estanislau Miguel da Conceição Silva, nosso assinante em Luanda.

Farmácias

DE SERVIÇO

Em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Piedade; e até sexta-feira, a Farmácia Alves de Sousa.

Em FARO, hoje, a Farmácia Almeida; amanhã, Montepio; segunda-feira, Higiene; terça, Graça Mira; quarta, Pereira Gago; quinta, Pontes Sequeira e sexta-feira, Baptista.

Em LAGOS, a Farmácia Silva. Em LOULE, hoje, a Farmácia Avenida; amanhã, Madeira; segunda-feira, Confiança; terça, Pinheiro; quarta, Pinto; quinta, Avenida; e sexta-feira, Madeira.

Em OLHÃO, hoje, a Farmácia Ferro; amanhã, Rocha; segunda-feira, Pacheco; terça, Progresso; quarta, Olhanense; quinta, Ferro e sexta-feira, Rocha.

Em PORTIMÃO, hoje, a Farmácia Rosa Nunes; amanhã, Dias; segunda-feira, Central; terça, Oliveira Furtado; quarta, Moderna; quinta, Carvalho e sexta-feira, Rosa Nunes.

Em TAVIRA, hoje, a Farmácia Sousa; amanhã, Montepio; segun-

Dr. Diamantino D. Baltazar

Médico Especialista

DOENÇAS E CIRURGIA

dos Rins e Vias Urinárias

Consultas às segundas, quartas e sextas-feiras a partir das 15 horas

Consultório:

Rua Baptista Lopes,
30-A - 1.º Esquerdo
FARO

Telefones { Consultório 22013
Residência 24761

Aluga-se moradia

Por estrear no sítio de Lagoa. Perto da Praia, a 8 Km de Vila Real de Santo António.

Resposta: Rua Baptista Lopes 19-A-1.º — FARO

Senhor Citricultor

O ULTRACIDE 40 M combate as cochonilhas dos citrinos, o que elimina a ferrugem

O ULTRACIDE 40 M é mais eficaz que os óleos de verão

O ULTRACIDE 40 M não obriga a regas na altura da sua aplicação

DEPÓSITOS COM BRIGADAS DE TRATAMENTO:

FARO

Cabeçadas & Gordinho, Lda.

Rio Seco

Faro — Telef. 22876

PORTIMÃO

Rogério da Conceição Próspero

Praça da República, 34

Portimão — Telef. 22484

O ULTRACIDE 40 M é um produto CIBA-GEIGY

Técnico local

Reg. Agr. Gabriel Tomé

Av. S. João de Deus, 49-2.º Dto. — PORTIMÃO — Telef. 24150

AGENDA

da-feira, Aboim; terça, Central; quarta, Franco; quinta, Sousa e sexta-feira, Montepio.

Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, a Farmácia Silva.

Cinemas

Em ALBUFEIRA, no Cine-Pax, hoje, «Os cavalos de Valdez»; amanhã, em matinée, «O falcão» e em solré, «Os cavalos de Valdez»; terça-feira, «Mulheres é comigo»; quarta-feira, «O golpe»; quinta-feira, «Projeção privada»; sexta-feira, «O enigma da cadeira de rodas».

Em ARMAÇÃO DE PERA, na Esplanada Paraíso, hoje, «Os malucos da caserna»; amanhã, «A charada da morte».

Em LAGOS, no Teatro Cinema Império, hoje, «O Santo contra os assassinos» e «Sabata chega e mata»; amanhã, «As noites do Delicadinho».

Em PORTIMÃO, no Cine-Teatro, hoje, «Nunca foram vencidos» e «Conselho de guerra» e às 0,30 horas, «Drácula, prisioneiro de Frankenstein»; amanhã e segunda-feira, «O homem de La Mancha».

Em SILVES, no Cine-Teatro Silvesense, hoje, «O seu nome era Espírito Santo»; amanhã, «Cai a noite sobre a cidade»; terça-feira, «Um príncipe nas lonas»; quinta-feira, «A revolução de 1870»; sexta-feira, «Noite de pavor».

Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, no Cine-Foz, hoje, «A crista do diabo»; amanhã, «A serpente de ouro»; terça-feira, «Uma pistola na mão do diabo»; quinta-feira, «Dupla vingança».

Necrologia

Manuel Joaquim Júnior

Em Tavira, de onde era natural e onde residia, faleceu o sr. Manuel Joaquim Júnior, de 73 anos, ferroviário aposentado, que deixa viúva a sr.ª D. Catarina da Conceição Gil. Era pai do sr. António Joaquim Gil, solicitador com cartório em Faro e cunhado do dr. António Conceição Gil, funcionário superior da Direcção Geral da Aeronáutica Civil. O funeral efectuou-se da igreja de São José, onde se celebrou missa de corpo presente, para o cemitério de Cacela, constituindo sentida manifestação de pesar.

D. Maria da Piedade Barros Azevedo

Em Armação de Pêra, onde residia há largos anos, faleceu a sr.ª D. Maria da Piedade Barros Azevedo, de 75 anos, viúva, natural de Porches. Era mãe das sr.ªs D. Vicência Clotilde Oliveira Azevedo, casada com o sr. Valtér Jesus Bernardo e D. Maria de Lourdes Oliveira Azevedo Gralha, casada com

o sr. Virgolino Rosa Gralha e dos srs. José Oliveira Barros Azevedo, casado com a sr.ª D. Maria Isabel dos Santos Rodrigues Azevedo e Mário Oliveira Barros Azevedo, casado com a sr.ª D. Maria Suzel Ferreira Azevedo. No funeral incorporou-se muita gente conhecida e amiga da extinta, que era muito estimada naquele meio.

Francisco José Ramos e Barros

Na sua residência em Loulé, faleceu o nosso assinante sr. Francisco José Ramos e Barros, de 71 anos, 2.º oficial aposentado da Caixa Geral de Depósitos, que deixa viúva a sr.ª D. Aida Maria Vasques Pinheiro Ramos e Barros. Era pai do dr. Hélder Manuel Pinheiro Ramos e Barros médico em Almodôvar e da sr.ª D.

Encontrado morto

Dentro de um tanque, numa sua horta no sítio do Geão (Moncarapacho), foi encontrado morto o proprietário rural sr. José Alfredo da Silva, de 72 anos, solteiro, natural daquele sítio.

Atribui-se a morte a queda e a G. N. R. (Posto de Olhão) tomou conta da ocorrência.

AGRADECIMENTO



CATARINA DE JESUS SOL

Sua mãe Mariana da Conceição, e irmãos João do Sol, Diamantino Cristo Sol, Maria da Paz Sol, Rita Sebastiana Sol e Glória dos Mártires Sol, e mais família, na impossibilidade de agradecerem pessoalmente a todas as pessoas que lhes testemunharam o seu pesar, e bem assim a todas aquelas que a acompanharam à sua última morada, vem por este meio expressar o seu mais profundo reconhecimento.

ALTURA

AGRADECIMENTO

EGÍDIO MATIAS ROMEIRA

Sua esposa Maria do Rosário Campinas e filhos, na impossibilidade de o fazer directamente, vêm por este meio agradecer reconhecidamente a todas as pessoas que manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à sua última morada.

Demonstre o seu carinho com prendas «CARAVELA».

CARAVELA

Vila Real de Sto. António

ENSINO NO ALGARVE

PRIMÁRIO

Foi concedida a 1.ª diuturnidade à sr.ª D. Maria da Ascensão Pereira Afonso de Carvalho, professora da escola feminina da sede do concelho de Vila Real de Santo António.

Vende-se

Prédio urbano r/c na Rua Cândido dos Reis (centro da vila).

Resposta ao Apartado 42 — Vila Real de Santo António.

Maria Aida Pinheiro Ramos e Barros Santana, sogro da sr.ª D. Maria da Conceição Mestre Ramos e Barros e do sr. José Anastácio Santana residente em Loulé.

Também faleceram:

Na ALTURA — o sr. Egídio Matias Romeira, dali natural, casado com a sr.ª D. Maria do Rosário Campinas e pai da sr.ª D. Maria Rizete Botelho Romeira e do sr. José Manuel Botelho Romeira.

Em ODELEITE — o sr. António José dos Santos de Jesus, de 18 anos, dali natural, filho da sr.ª D. Dolores dos Santos e do sr. José de Jesus.

As famílias enlutadas apresenta o *Jornal do Algarve*, sentidos pésames.

Lotas

De 26 de Junho a 3 de Julho

OLHÃO

TRINEIRAS:

Maria Rosa	91 100\$00
Colmeal	85 600\$00
Princesa do Sul	78 190\$00
Diamante	71 600\$00
Nova S.ª Piedade	65 000\$00
Estrela do Sul	63 343\$00
Nova Clarinha	57 800\$00
Amazona	55 880\$00
Arda	37 200\$00
Pérola Algarvia	36 000\$00
Costa Azul	33 500\$00
Garotinho	14 600\$00
Nova Esperança	14 450\$00
Rainha do Sul	12 800\$00
Restauração	12 745\$00

Total 729 808\$00

De 26 de Junho a 2 de Julho

QUARTEIRA

Artes diversas 356 459\$00

Compram-se

GRAVADEIRAS AUTOMÁTICAS

Novas ou Usadas

CERLET SVC 80 — SVC 100

Resposta ao n.º 17 916 deste jornal.

Quando for viajar
lembre-se que a STAR lhe pode reservar e emitir bilhetes para qualquer parte do Mundo. Podemos poupar-lhe um tempo precioso, sempre que precisar de

PASSAGENS

de avião, de barco, de autocarro ou de comboio, rigorosamente aos preços oficiais. Proporcionamos-lhe também o aluguer de automóveis com ou sem condutor em Portugal e em todo o Mundo.

PAGUE SUAVEMENTE COM O CREDI-STAR

A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Lisboa - Estoril - Porto - Funchal - Luanda
R. CONSELHEIRO BIVAR, 36
TELEF. 23986 - FARO

Caixa Geral de Depósitos

Empreitada de «Conservação da Habitação da Agência de Vila Real de Santo António»

Faz-se público que às 15 horas do dia 26 de Julho de 1974 se procederá, na sede da Caixa Geral de Depósitos, Largo do Calhariz, em Lisboa, ao concurso público para adjudicação da empreitada em epígrafe.

Base de licitação . . . 250 000\$00
Depósito provisório . . . 6 250\$00

As propostas devem ser enviadas pelo correio, sob registro e com aviso de recepção ou entregues contra recibo, ao Serviço do Património, Largo do Calhariz, em Lisboa-2, por forma a serem recebidas até às 15 horas do dia anterior ao do concurso.

O programa do concurso, bem como todas as peças escritas e desenhadas relativas à empreitada, encontram-se patentes na Direcção dos Serviços de Obras na Rua Marechal Saldanha n.º 3 a 9-4.º andar, em Lisboa-2 e na Agência de Vila Real de Santo António, nas horas normais de expediente.

SESSÃO POLÍTICA EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

(Conclusão da 1.ª página)

Forças Armadas se haviam criado em Portugal as condições que permitiam a cada um singrar em liberdade. O regime fascista impedira o acesso à cultura, pois não interessava à meia-dúzia de senhores do País que o povo tomasse consciência política. Que ainda hoje o povo tinha medo de manifestar-se, e nos meios rurais, mais votados ao ostracismo, poucos sabiam o que era Democracia. Que esta se não compadece com paternalismos, e se se têm pedidos sacrifícios à classe trabalhadora, mais se devem exigir ao capital que a explorou.

O sr. João Rodrigues pediu licença para proferir algumas palavras após dezenas de anos de ausência da sua terra, primeiro preso e depois emigrado por não poder suportar as perseguições da pida. Disse que a história do Tarrafal não podia ser descrita em poucos minutos, que ali vira morrer muitos companheiros e serem cometidas as maiores atrocidades em nome de um regime por todos renegado; que não era possível mudar de um dia para o outro a face de um dos países mais atrasados da Europa nem ser sem dificuldades que se eliminariam os restos do fascismo entre nós, instalando um regime democrático que a todos ofereça uma forma de vida aceitável. Que não devia dar-se ouvidos aos que exigem muito em pouco tempo e que já constituía uma vitória o poder cada um exprimir-se livremente, sem o medo da polícia política.

O sr. Joaquim Batista Correia, da comissão local do M. D. P., aludiu ao recente encerramento, em Vila Real de Santo António, de fábricas de conservas e de vazios e aos motivos que o tinham determinado. Apontou as promessas sempre ouvidas mas nunca cumpridas pelo almirante Tenreiro, que procurara conhecê-lo pelo muito que escrevera nos jornais sobre os problemas da pesca e a quem por várias vezes se dirigira a pedir urgentes medidas para tais problemas. Citou o caso de Cuba quando dominada por Fulgêncio Batista e estabeleceu-lhe paralelo com o Algarve, quando estivesse em pleno funcionamento toda a vasta engrenagem que, com a inclusão do jogo, se lhe preconizava.

O dr. Luís Filipe Madeira, do M. D. P. de Loulé, disse que, passada a fase dos vivas, competia ao povo analisar o que se passou antes do 25 de Abril e o que poderá passar-se a quando dos próximos 25 de Abril. O fascismo era indigno de um povo livre como nós queremos ser, o povo português nunca desistira de lutar e fora por isso um dos grandes obreiros da morte do extinto regime. Fez depois uma lúcida e completa resenha dos motivos que haviam estado na base do levantamento das Forças Armadas, a qual envolveu a história (a esquecer), do passado e os problemas que podem afectar o futuro e para cuja eliminação pediu o apoio e colaboração de todos os portugueses.

O sr. José da Luz, da comissão distrital do M. D. P., referiu ser de lamentar que, dispondo o País de tão vastos recursos naturais, fosse dos últimos no que respeita à técnica, assistência e nível de vida e dos primeiros quanto a atraso em variadíssimos campos em que sobressai a mortalidade infantil. Citou, entre outros, o caso da serra do Algarve, com os montes escarpados do concelho de Alcoutim, para os quais haviam abundado as promessas sem que um só passo fosse dado para o seu aproveitamento.

Leu depois o texto de um telegrama dirigido ao Governo, em que se pedia a urgente nomeação de um governador civil para o distrito e de uma comissão administrativa democrática para o Município de Vila Real de Santo António, texto que recebeu plena aprovação da assistência.

O dr. Manuel de Campos Lima, do M. D. P. de Portimão, aludiu à sua actuação, há cerca de cinco anos, num comício eleitoral democrático na Vila Pombalina «terra onde na Península começa a liberdade», ao carácter democrático da «revolução dos capitães», de que fez esclarecedora resenha, aos efeitos negativos da recente greve dos Correios e à problemática da independência das colónias, da qual fez atenta e pormenorizada análise.

O último orador da noite foi o eng. Laginha Serafim do M. D. P. de Lisboa, que começou por evocar

duas figuras ligadas a «este canto de Portugal onde nos sentimos sempre um povo amante da sua dignidade»: uma, a que criara Vila Real de Santo António, os quatro anos de ensino obrigatório no País e o regimento ainda hoje em vigor na Universidade de Coimbra; o Marquês de Pombal. A outra, a do vila-realense António Aleixo, de quem lembrou duas quadras:

Vós, que lá do vosso império pretendes um mundo novo, cuidado, que pode o povo querer um mundo novo a sério.

Há na luta mil doutrinas; se querem que o mundo ande façam das mil pequeninas uma só doutrina grande.

Situou tais quadras no tempo e no meio em que foram escritas, a primeira quando Hitler (cujo nome não referiu), pensava assenhorear-se da Europa e a segunda em relação ao ideário político do autor e disse ter sido o 25 de Abril um dia extraordinário e o 1.º de Maio o da marcha triunfal, cheia de dignidade, a demonstrar que somos um povo e temos um futuro. Apontou a necessidade de pôr verdadeiros democratas nas Câmaras Municipais, de aprofundar os reflexos do jogo no Algarve e de ver o que se passa nos hotéis de luxo; referiu a situação do emigrante português no estrangeiro e a urgência de se tornarem independentes as colónias e aludiu à homenagem prestada pouco antes em Lisboa à memória de Bento de Jesus Caraça, cuja evocação toda a assistência, de pé, aplaudiu comovidamente. Terminou dizendo ser para si uma honra participar em Vila Real de Santo António no seu primeiro comício político, «no cantinho de Portugal, mesmo ao lado da vizinha Espanha».

A sessão encerrou com o Hino Nacional entoado em coro pelos presentes.

J. M. P.

Vende-se

Um camião Mercedes, estado novo, com facilidades de pagamento.

Resposta ao Apartado 42 — Vila Real de Santo António.

Mateus Boaventura

Janela do MUNDO

(Conclusão da 1.ª página)

os dirigentes árabes e israelitas e até nós tivemos a quota-parte de testemunho dessa viagem-sucesso quando o casal Nixon parou nos Açores onde permaneceu uma noite e uma manhã. Spínola e Sá Carneiro aí se deslocaram acompanhados de um batalhão de jornalistas, que tiveram oportunidade de verificar «in loco» como funciona a tal impecável máquina americana. Todos os pormenores são cuidados, desde a imagem real do Presidente dos Estados Unidos perante o público, até à mínima questão de segurança, garantida por uma autêntica legião de agentes que espiolham toda a região intercomunicando pela Rádio. Nada é feito ao acaso ou por acaso, como esta viagem foi programada com o êxito garantido da missão anterior desempenhada por Kissinger.

Há imprevistos, decerto. Como uma crise de flebite que Nixon sofreu e que só dias depois a Casa Branca relatou. Mas ninguém deu por isso, a não ser o próprio Presidente e os seus íntimos. Tanto no Médio-Oriente como em Angra do Heroísmo, ou em Bruzelas, houve que admirar a eficiência da organização Made-in-USA através da qual os americanos estão habituados a ajuizar do prestígio que rodeia o seu Presidente.

Esta máquina impecável dá, no entanto, um certo aspecto de fria e de artificialismo a estas viagens, embora por vezes ela vá encontrar o correspondente calor humano da parte da população visitada, que foi o que aconteceu precisamente desta vez no Egipto, onde Sadate se excedeu. Também em breve terá a compensação, que se manifestará decerto em maior auxílio americano ao Governo do Cairo...

No conjunto, esta digressão de Nixon pelo estrangeiro terá também os seus efeitos internos numa tentativa de fazer esquecer o desgaste constante que constitui o escândalo Watergate, até aqui o mais duro golpe no prestígio do Presidente. Culminando com a assinatura da nova Carta do Atlântico, a viagem de Nixon teve também esse fecho espectacular do reforço da unidade à volta do bloco aliado ocidental, tema tanto do agrado dos americanos.

PORTO POÇAS JUNIOR

Um produto da rede distribuidora **PROLOG**
 DEPOSITOS-FARO telef. 23669-TAVIRA telef. 264-LAGOS telef. 62287
 PORTIMÃO telef. 23685-MESSINES telef. 45306/07/08/09

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS
EST.ºS TEÓFILO FONTAINHAS NETO COM.º E IND.ª, S.A.R.L.
 Telex 08233-Telep. Teof. Telef. 45306/07/08/09 - Caixa Postal 1 S. B. de MESSINES- Algarve- Portugal

Alô, Vila Real, quem acode a Monte Gordo?

(Conclusão da 1.ª página)

as têm. A esses indivíduos, as responsabilidades passam-lhes despercebidas, como se nada lhes passasse na consciência. É irritante, na verdade, a um homem como eu, que ama a sua terra natal, ouvir constantemente os turistas a lamentar o desleixo a que Monte Gordo está condenada. Sei que tudo isto é triste, mas que mais posso fazer do que, sob as minhas infimas possibilidades intelectuais transmitir através destas linhas as constantes lamentações não só dos que por cá passam mas daqueles que nasceram e vivem nesta terra tão desprezada? Quem nos atende? Quem tem dó dos nossos lamentos e dos nossos rogos? Quem são os verdadeiros responsáveis por esta série de irregularidades? Digo sério, porque vou citar a verdade, essa verdade que aqueles com direito a enfrentá-la, usam uma

frondosa camuflagem para a dissipar. Eis a verdade, nua e crua: De há uns anos a esta parte, têm sido vendidos terrenos que fazem parte do plano de urbanização de Monte Gordo. O produto dessas vendas, segundo as estatísticas, ascende a trinta mil contos. Como é possível que desta verba, arrancada exclusivamente do solo montegordino, não tivessem a iniciativa de empregar parte nas primordiais necessidades desta povoação? Por exemplo, nuns sanitários não muito luxuosos, coisa modesta mas que servisse para todos, sem excepção. Além disso temos o problema dos esgotos, pois em certas ruas correm os dejectos como a água corre no rio, o que se torna um perigo para a saúde pública, especialmente as crianças que descalças, vão brincar junto às matérias fecais como se fossem águas límpidas. E já que falei em crianças vou apontar outra anomalia digna de registo.

Dentro dos limites das Matas Nacionais há um conjunto de escolas primárias (creio que são quatro) onde há pouco tempo e felizmente, foi inaugurada uma cantina destinada às crianças mais pobres da povoação. Para além das escolas, talvez a uns duzentos metros, existe uma vala que serve de concentração às águas dos esgotos. Nas imediações também existem as célebres e tão faladas estrumeiras, galardão que Monte Gordo ostenta desde tempos remotos e que actualmente ainda não foram eliminadas. E lindo, não acham? E as crianças brincam lá. Os adultos «conformam-se» com o cheiro daqueles jardins que ornamentam Monte Gordo.

No sítio denominado Sertão, ainda existem cubículos que albergam nove a dez pessoas, entre adultos e crianças que compartilham do mesmo leito. Alguns dos moradores desse sítio que faz parte da povoação de Monte Gordo, têm parcas possibilidades financeiras e não podem, portanto, adquirir uma parcela de terreno para expandir a sua pequena habitação, devido aos elevados preços a que estão submetidos. Outros porém, com um nível de vida mais sólido, podem comprar terreno para construir uma modesta casinha e viverem em melhor ambiente humano. O leitor perguntará: E porque não o fizeram? A resposta é simples mas de veras confudente. Porque os donos da Câmara de Vila Real de Santo António entenderam vender esses terrenos por uma exorbitância e não facilitarem estes pescadores com uns preços módicos, possivelmente para adquirirem maior verba para o seu município. Mas era lógico que se dessem facilidades a esta gente do mar, em virtude de ainda não terem sido obsequiados com um bairro de pescadores.

Ora, isto assim não pode continuar. Tem de acabar o desprestígio que se reflecte sobre os pescadores desta terra. Hoje, que o mundo português é outro, que creio termos entrado noutra civilização onde existe mais fraternidade, onde a honestidade é mais expansiva e onde a compreensão dos homens é mais homogênea, vejo a mútua colaboração de todos os verdadeiros portugueses. Crente nessa mútua compreensão, apelo através do *Jornal do Algarve* a quem de direito, para que sejam abolidas todas as anormalidades a que foi submetido o povo montegordino e para que a vida desta povoação se torne mais progressiva, extinguindo-se por completo a discriminação de que os habitantes mais modestos de Monte Gordo foram alvo.

A confiança tem de continuar a ser a nossa arma

(Conclusão da 1.ª página)

departamentos do Estado. Esqueceu-se que os comunicados sombrios são uma dolorosa experiência para todos nós, recordação por demais viva para que possamos voltar a recebê-los sem um estremecimento de inquietação e desagrado; esqueceu-se que o sigilo com que se esconde as causas de uma decisão, para apenas tornar pública a consumação do facto, é prática que, pelo muito que nos custou, muito nos choca e pode criar em nós um vazio onde, facilmente, se alojará o descrédito, a incerteza; esqueceu-se que as atitudes peremptórias, e peremptoriamente mantidas, confrangem-nos pela sua aparente identificação com o despotismo exercido pelos governos de Salazar e Marcello.

Não se atentou ainda neste tão importante serviço público, mas nem tudo se presente no limitado espaço de um gabinete, sobretudo se nesse gabinete o trabalho é absorvente e exaustivo como é, hoje, em todos os gabinetes de Portugal. Mas é urgente atentar nos erros a que pode conduzir uma informação defeituosa, por deficiente, e as consequências nefastas que deles advirão. O povo português — sem desdinha de classes sociais — dominado e comandado durante cinquenta anos por um regime que lhe tornou amorfo o amor pátrio, não podia, num momento, ter aprendido a usar a liberdade que lhe foi dada, não para satisfação imediata das suas recalçadas ambições e necessidades de expansão política, mas para pôr ao serviço exclusivo dos interesses do País. E também não podia, ante o desenrolar dos acontecimentos — porque não o permite a formação moral e cívica que lhe foi dada — guardar intacta a confiança e o comedido das primeiras horas, dos primeiros dias. Hoje, a moral do nosso Povo está doente, a sua confiança vacilante e não podemos culpá-lo por tal. Podemos, sim, e devemos, ajudá-lo a superar este mau momento. Será um trabalho que cabe a todos os portugueses mais esclarecidos e a nós, os da Imprensa, mas terá que ser sobretudo um trabalho do próprio Governo. As suas possibilidades são vastas e ilimitadas (em relação às nossas, claro), pois sendo ele a fonte de informação pode, pela voz dos seus mais altos e responsáveis funcionários, insuflar no público, pelo esclarecimento profundo das coisas, a coragem, os meios, a força, o discernimento que o tornará forte bastante para se manter coerente com os interesses da Nação.

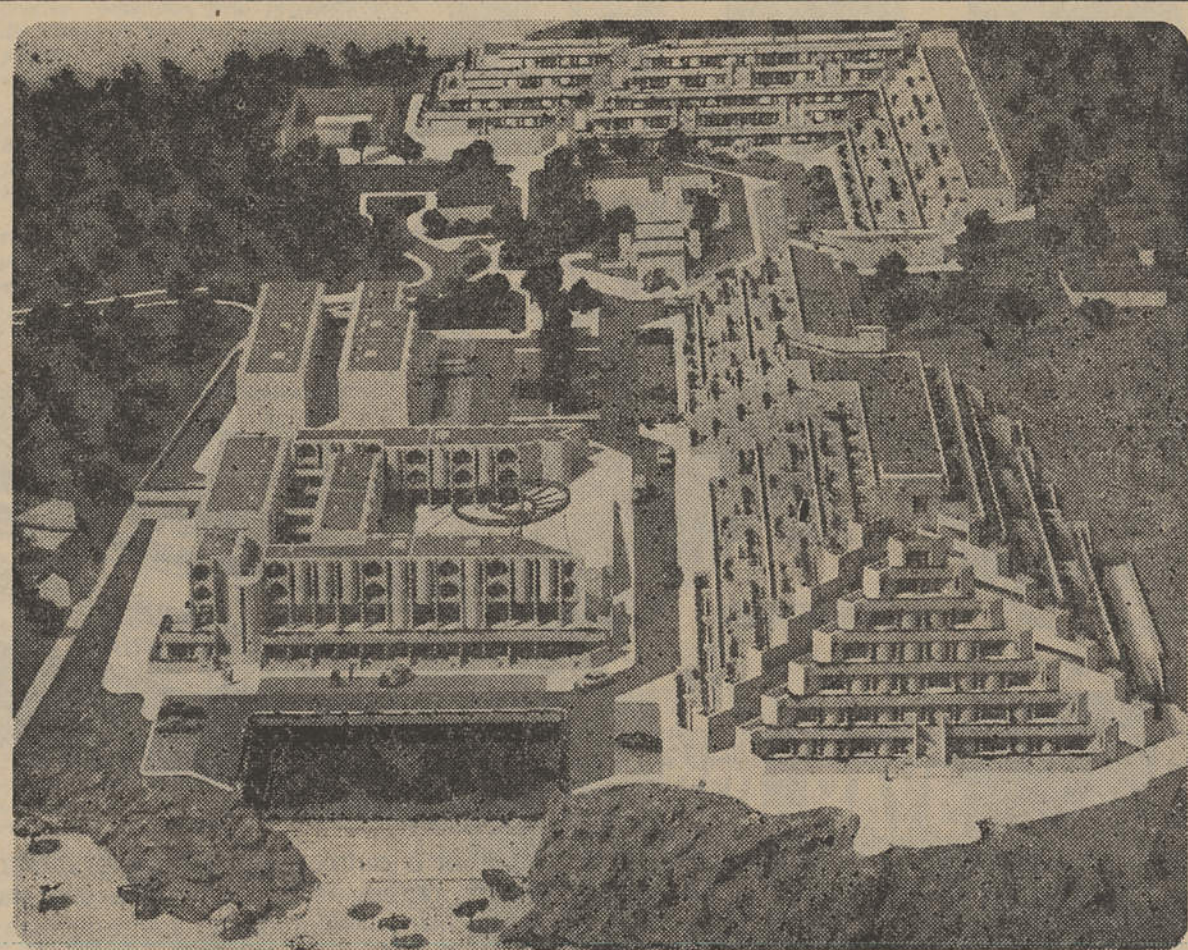
Na confiança plena se fundamentará esta coerência e é preciso que ela volte, depressa, ao coração dos portugueses. Pela nossa parte, gritar-lhe-emos, com a convicção que sempre pomos nas nossas palavras, que é imprescindível confiar nos Homens que detêm o poder, que podemos confiar nos Homens que detêm o poder! Eles são dignos da nossa confiança pelo Portugal que nos deram! Eles precisam da nossa confiança para fazer o Portugal que todos queremos!

Confiemos! A hora é nossa e se, confiando, ajudarmos a edificar o presente, será nosso o futuro de Portugal!

A confiança foi a arma do 25 de Abril! A confiança tem que continuar a ser a nossa arma!

15-6-74

Maria Carlota



Clube Praia da Oura — uma revolução arquitectónica; um investimento com aliciantes perspectivas.

garantimos uma revalorização anual do seu investimento

Porque os nossos apartamentos oferecem aliciantes inovações de luxo, sossego e conforto. Porque conhecemos as possibilidades turísticas da Praia da Oura — Albufeira. Oferecemos-lhe, com o Clube Praia da Oura, um óptimo rendimento e garantimos uma revalorização anual do seu investimento. Férias grátis todos os anos no seu apartamento.

Ao **CLUBE PRAIA DA OURA** Apartado 27 - Albufeira - Algarve Solicito mais informações sobre as vantagens comerciais do vosso empreendimento.

Nome _____

Morada _____

Local _____

Telefone _____

Alberto Pires Cabral
 MÉDICO ESPECIALISTA
 DOENÇAS DO CORAÇÃO

Consultas:
 As 2.ª, 3.ª, 5.ª e 6.ª feiras, das 10 às 13 horas e das 17 às 19,30 horas.
 As 4.ª feiras das 17 às 19,30 horas.

Consultório — Rua Portas da Serra, 37-1.º Dt.º - Frente —
 Telef. 2 35 23

PORTIMÃO

5 de maio CPO-01-74

CLUBE PRAIA DA OURA



José dos Anjos Rodrigues

O *Jornal do Algarve* vende-se em Faro, na Tabacaria Farracha, Rua D. Francisco Gomes, 42.

CRÓNICA TAURINA

O penúltimo fim de semana taurino foi recheado com dois espetáculos no Algarve, onde, felizmente a afição cresce de dia para dia e as empresas não desmerecem dos seus propósitos.

Em Portimão, a noite apresentou-se desagradável e fria, mas mesmo assim a Praça de Toiros registou no sábado mais de meia casa. Lidaram-se toiros da ganadaria do eng. Rosa Rodrigues que sobre o manso se deixaram tourear sem grandes dificuldades. Do cartel constavam os nomes de David Ribeiro Teles e Luís Miguel da Veiga para a parte equestre estando a parte apeada a cargo do venezuelano Luís Aragua e do português Carlos Pimentel. As pegas seriam do Grupo de Forcados Amadores de Évora, sob o comando de João Nunes Patinhas.

Carlos Pimentel armou um «taço» ao tourear o novilho que saiu em quarto lugar, que era negro, ligeiramente bragado, pequeno e feio, cornalão e tardo de investida. O novilheiro recebeu-o com verónicas e a carregar a sorte que rematou com saborosa meia verónica, para logo prosseguir por bonitas chiquelinas rematadas com rebolera. Manuel Badajoz e José Traquete bandarilharam o astado, prendendo par e meio. E é com a muleta que Pimentel se impõe ao adversário, iniciando a faina a dobrar por baixo, a bater no toiro sem lhe dar tréguas e obrigando-o a investir para rematar com o passe de peito. E já ao som de música segue a lide por derechazos mandões e saborosos que remata com o forçado de peito, nos médios, escutando grande ovação. Compõe bem a figura, cita para tourear ao natural, saca uma tanga mandona, correndo a mão e remata com o de peito. Novamente, toureia pela direita com alegria e sabor e como o novilho fosse a menos prossegue por lazerninas vistosas, trincheirazos e outros passes para rematar com mudança de mão. Após vários passos de piton a piton simula a estocada com a bandarilha. No final da lide deu duas voltas ao redondel, recebeu flores e devolveu chapéus no meio do delírio da assistência que conseguiu aquecer, apesar do frio da noite, escutando ainda ovação nos tércios. Ao litão bragado, bonito e de boa cabeça que saiu em sétimo lugar recebeu-o Carlos Pimentel com o capote para tourear a verónica, seguindo depois por chiquelinas que rematou com bonita rebolera. Bandarilharam os peões e José Traquete conseguiu prender dois bons pares. O «diestro» pegou na flanela, embarcou o toiro no engano, dobrou-o por baixo a fixar e colocou-o nos médios. A seguir ofereceu-nos uma tanga de derechazos bonitos e mandões a correr a mão e com a figura bem composta para prosseguir com passes variados, ligando a faina. Sofreu uma voltareta sem consequência e porque o novilho se defendia simulou a estocada com a mão. No final deu volta, recebeu flores e devolveu chapéus.

Luís Aragua recebeu o terceiro da noite por verónicas a carregar a sorte que rematou com meia superior, seguindo por bonitas chiquelinas rematadas com rebolera. Tenta bandarilhar, mas apenas prendeu meio par, dando-nos a impressão de que neste tércio está muito cru. Com a muleta, sem conseguir ligar a faina, devido à má qualidade do adversário, toureou com sabor pela direita mostrando ter intuição toureira, mas faltando-lhe, no entanto, a «endurance» para dominar o péssimo novilho. No final deu volta, recebeu flores e agradeceu ainda aplausos nos tércios. O sexto da noite era negro zaino, bonito, baixel corneaberto e metia-se pelo corno direito. Apesar de manso, cumpriu. Aragua toureou a verónica e por chiquelinas. Mário Freire bandarilhou prendendo par e meio. Com a muleta o venezuelano dobra por baixo e depois, já ao som de música, toureia pela esquerda com naturais saborosos que remata com serpentina para prosseguir com derechazos mandões, compondo-se e correndo a mão. Sem conseguir ligar a faina esteve diligente e simulou a estocada com a bandarilha. Deu volta à arena, recebeu flores e, devolveu chapéus e foi ainda aos médios.

O touro que rompeu praça safu para David Ribeiro Teles que entrou à tira, mas a farpa partiu sem cravar. O morlarco, negro ligeiramente bragado, era bem posto de cabeça e recebeu outra farpa comprida em sorte à tira com ligeiro toque na montada, acusando o castigo aos saltos. O terceiro ferro foi consumado em sorte por dentro, e após ele o cavaleiro muda de montada. Desenvolvendo uma boa brega, David crava o primeiro e

segundo curtos em sortes à tira bem desenhadas de consumação ao estribo que lhe valeram música. Fechou com um magnífico ferro de frente, ao estribo. Pegou o touro o forçado Manuel de Brito que chamou de largo e se fechou numa pega espectacular. Cavaleiro e forçado deram volta ao «ruedo», receberam flores, devolveram chapéus e outros objectos.

Para Luís Miguel da Veiga safu o segundo, bragado, grande, cornalão e manso perdido. Recebe o primeiro comprido em sorte de frente, após boa preparação, tendo, no entanto o cavaleiro aberto um pouco o quarto. O segundo foi em sorte sesgada com boi a defender-se e o terceiro cravou-o Veiga de frente ao estribo também com o adversário a defender-se. Luís Miguel que até aqui toureou no cavalo 29, novel montado do cavaleiro de Montemor-o-Novo, mudou de gineite para cravar mais duas farpas curtas de valor em sortes de frente, ao estribo. No final deu volta com o forçado João Pereira que chamou bem em curto para se fechar à barbela, receberam flores e ainda escutaram aplausos nos médios.

David Teles e Luís Miguel tourearam ainda, a duo, o quinto da noite, listão, de bom tamanho, bonito e cómodo de cabeça. Apesar de manso proporcionou lide animada que no final foi premiada com volta, flores, chapéus e saída aos médios com o forçado José Manuel Navalhinhas que fez uma rija pega fechando-se à barbela e aguentando sucessivos derretes.

Dirigiu com acerto Rogério Amaro. Na brega estiveram bem os irmãos Badajoz, Jorge Domingues, José Traquete, António Sacramento, José Agostinho dos Santos, António Augusto, Amâncio Grilo e Bacatum.

No domingo à tarde realizou-se no tauródromo de Faro uma novilhada de oportunidade aos jovens. A praça apresentava-se a dois terços. Correram-se novilhos da ganadaria do marquês do Faial e tourearam os cavaleiros amadores António Brito Pais, José Varela Crujo, José Brito Limpo e Carlos Palha e os novilheiros António Manuel e António Poeira. As pegas estiveram a cargo do Grupo de Forcados de Vila Franca de Xira.

O primeiro novilho era listão bragado, bonito e com boa córnea e apesar de manso deixou-se farpear por Brito Pais que lhe cravou a primeira farpa comprida após boa preparação. Prendeu, depois a segunda em sorte à tira de execução ao estribo e a terceira em sorte de frente, em curto, também ao estribo. Muda de montada, prende um curto em sorte de frente ao estribo e fecha a lide com um curto em sorte sesgada, muito bom. Pegou com galhardia João Costa que no final da lide deu volta com o cavaleiro, receberam flores e chapéus e foram ainda, aos médios.

Negro bragado, bonito e com a córnea ligeiramente aberta era o segundo que saiu para Varela Crujo, que lhe meteu a primeira farpa comprida, de tenteio e ligeiramente traseira. O segundo comprido partiu sem cravar e o jovem mudou de montada para em sorte à tira prender uma boa farpa. O primeiro curto foi, de frente, ao estribo e o segundo um bonito sesgo, que lhe valeu música. Fechou a lide com outro sesgo de boa execução, e ainda outro, também a sesgo, muito bom. No final foi chamado a dar volta com o forçado Rogério de Matos que fez uma boa pega, receberam flores, devolveram chapéus, sapatos de senhora e até uma bengala.

Para Brito Limpo safu um listão bragado, corneaberto e cornealto, manso a deixar-se tourear, que recebeu a primeira farpa comprida de tenteio, para a seguir, em sortes à tira de execução ao estribo receber mais dois compridos. E à tira e ao estribo foi o primeiro curto para o segundo ser cravado a cilhas passadas e com a mesma sorte. Ainda em sortes à tira foram o terceiro e o quarto, aquele com ligeiro toque na montada e ambos ao estribo. João Duarte fez uma boa pega sendo bem ajudado pelo resto do grupo. Volta, flores, chapéus e sapatos foram o prémio do seu labor e escutaram ainda aplausos no centro da arena.

Carlos Palha teve em sorte o maior novilho do curro, um negro zaino, bonito, de boa cabeça e córnea a condizer, que recebeu a primeira comprida, de tenteio e a castigar. De frente e ao estribo foi a segunda, para logo mudar de cavalo. A atacar o piton contrário, em sorte de frente, crava ao estribo o primeiro curto, para a seguir cravar o segundo, por dentro. E manso o morlarco, mas Palha por-

fia e crava o segundo ligeiramente pescado, em sorte à tira, por falta de colaboração do adversário. Aguentando muito, demasiado para a sua pouca experiência, em vistosa sorte por dentro crava ao estribo com mérito para escutar música. Fechou com um ferro de frente, ao estribo. Rodrigo Pereira fez uma boa pega e cavaleiro e forçado deram volta, receberam flores e devolveram chapéus.

Como atrás se disse, a parte apeada estava a cargo de dois novilheiros. António Manuel lanceou bem à verónica e por chiquelinas saborosas, bandarilhou de maneira aceitável e com a muleta esteve diligente, compondo bem a figura e correndo bem a mão, toureando com sabor. Apesar de ter sofrido duas voltaretas sem consequências, poderemos ver nele um futuro senhor do toureiro.

António Poeira esteve bem com o capote toureando por verónicas, carregando a sorte e por gaoneras, Bandarilhou a contento e com a muleta, à base da mão direita, ofereceu-nos uma faina saborosa, com passes variados, vistosos e valentes a dar-nos esperança no seu futuro como matador de toiros.

No final das lides, ambos os matadores de novilhos, que tourearam ao bom de merecida música, deram volta à praça, receberam flores e chapéus.

Helder de Araújo dirigiu com competência. Coadjuvaram os profissionais Manuel Badajoz, António Augusto, Domingos Paixão, Francisco Pírra, António Sacramento, Guilherme Pereira e Rosário Lico.

Vitor de Veiros

N. do A. — Na crónica anterior indicou-se por engano que um dos bandarilheiros era César Mansinho, quando na verdade se tratava de César Marinho.

Secção do Partido Socialista em Vila Real de Santo António

Por deliberação dos membros da secção concelha do Partido Socialista em Vila Real de Santo António, foram nomeados os seguintes dirigentes para a mesma:

Secretário, prof. Dorilo Jaime de Figueiredo Seruca Inácio; tesoureiro, Manuel Rosa Ribeiro, empregado de escritório; vogais, António Madeira Santos, escritor e Augusto Joaquim Meneses, empregado de mesa.

SERVICE OFICIAL DIESEL

BOSCH — CAV — SIMMS
MAQUINAS ELECTRONICAS
PESSOAL ESPECIALIZADO
EXECUÇÃO RAPIDA
Ao seu dispor nas
OFICINAS ARMANDO
DA LUZ
ZONA DO DIQUE — Tel. 2405
PORTIMAO

Mais 40 anos de experiência...

Em feridas infectadas

FURÚNCULOS
E ANTRAZES

PASTA "SANO"

CONTRA A FURUNCULOSE

LABORATÓRIO "SANO", V. N. GAIA
À VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS.



TINTAS «EXCELSIOR»

Cursos nocturnos no Liceu de Faro

Existem possibilidades de se concretizar no próximo ano lectivo um desejo dos trabalhadores-estudantes de Faro. Referimo-nos à criação de cursos nocturnos geral e complementar, no Liceu de Faro, os quais, caso o número de inscrições o justifique, ali funcionarão. As inscrições estão abertas até 10 deste mês, dentro do horário normal da secretaria do Liceu.

JORNAL DO ALGARVE
lê-se em todo o Algarve

Uma organização politur

O mundo ao seu alcance

Viagens acompanhadas por guia português

AMÉRICA DO SUL :

VOANDO PARA O RIO DE JANEIRO 11 dias
Extensão a S. Salvador, S. Paulo e Cataratas do Iguaçu

BRASIL, PARAGUAI E ARGENTINA 18 dias
Visitando Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte, S. Paulo, Iguaçu, Assuncion e Buenos Aires

MÉXICO E VENEZUELA 17 dias
Visitando Cidade do México (Tula e Teotihuacan) e Caracas (Colónia, Tovar e Maracay)

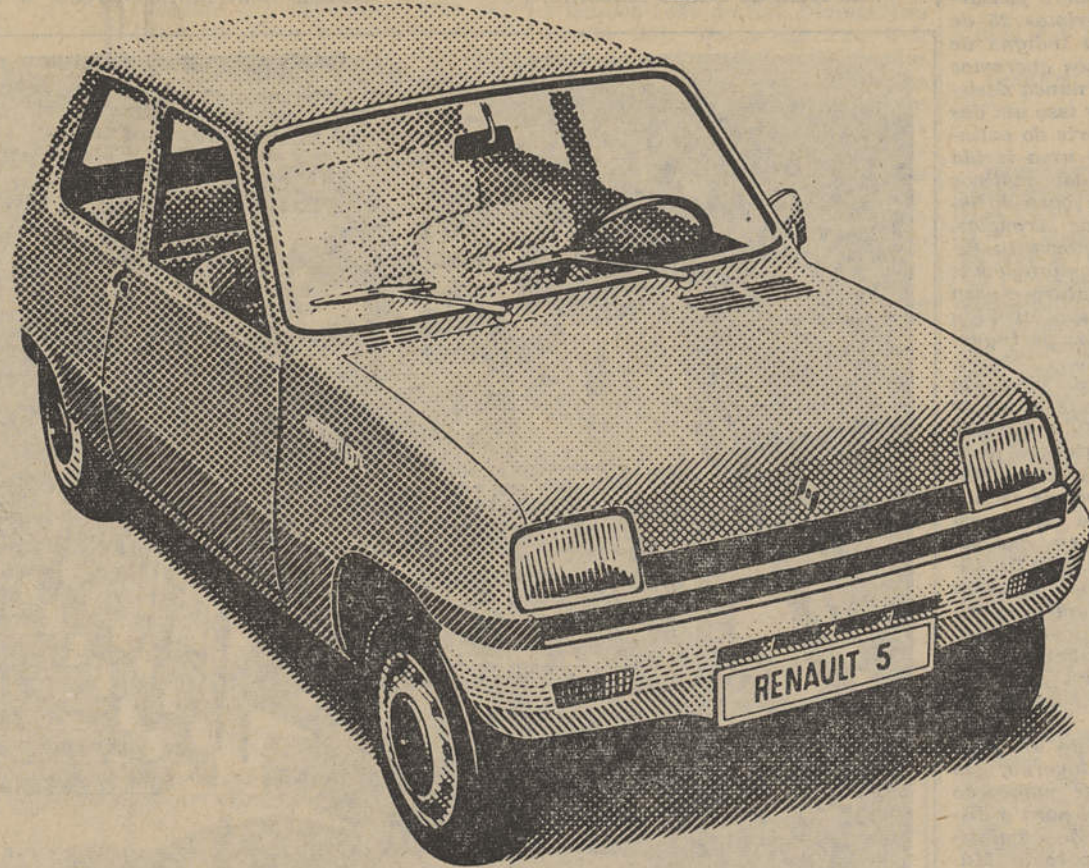
PAGUE SUAVEMENTE COM O CREDI-STAR

STAR

A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Lisboa - Estoril - Porto - Funchal - Luanda
R. CONSELHEIRO BIVAR, 36
TELEF. 23986 - FARO

O modelo traquinas da família Renault

Renault 5



O Renault 5, é vivo, move-se de um lado para o outro; 3,50m de comprimento; arruma-se mesmo nos sítios onde parece não caber, 4,90m de raio de viragem; na estrada ganha energias de carro acima da sua classe - 956 cm³ de cilindrada, mais de 135 Km/h; 4 velocidades sincronizadas; sempre com segurança e economia; tem tracção à frente, suspensão de grande elasticidade, 4 rodas independentes, amortecedores hidráulicos de duplo efeito, barras de torsão, travões hidráulicos, (discos à frente e tambores atrás), com limitadores de travagem variável com a carga; porta bagagens que pode receber 270 dm³, transformável com o rebaixamento do banco em Break, admitindo assim espaço para 900 dm³. Uma 3a. porta permite toda a facilidade no manuseamento de qualquer bagagem. O seu para choques tipo integral, em poliéster reforçado, faz do Renault 5 um carro que se sabe defender.

HÁ SEMPRE UM AGENTE RENAULT PERTO DE SI!

Filial do Concessionário das INDÚSTRIAS LUSITANAS RENAULT, SARL

UTIC

Rua General Teófilo da Trindade

FARO



RENAULT

A maior rede de assistência automóvel em Portugal

MARISCOS VIVOS

De várias espécies, em aquários.
Especialidade da casa: Camarões grelhados na chapa e Lagosta na brasa.

CAFÉ RESTAURANTE CENTRAL
Telefone 65230 - QUARTEIRA

CARTAS à Redacção

ATITUDES DISCRIMINATIVAS NA LOTA DA FUSETA

Sr. director,

Não é esta a primeira vez que me dirijo ao órgão provincial, pois que há alguns anos, quando emigrante em França, endereçara uma carta pedindo a inclusão regular do movimento da lota da Fusetta nas colunas deste semanário.

Volto hoje com um testemunho que considero da mais flagrante actualidade e isto porque, posto sendo um caso pessoal, traduz toda uma situação dramática em que se encontra uma numerosíssima classe. Refiro-me aos trabalhadores do mar, os pescadores, no número dos quais me conto e que, a par de muitos outros problemas se vêem, se continuam injustamente vendo, por o seu trabalho ser julgado ao livre arbítrio e discriminação dos compradores. Enquanto que nas outras classes se reivindicava um salário mínimo, nós, os pescadores da pesca artesanal, aqueles que quase sempre em frágeis embarcações se arriscam para ganhar o pão de cada dia, vêem-se depois à mercê do que os compradores querem dar ao produto do seu labor. E quantas vezes esperam e desesperam para que surja alguém que dê valor ao seu trabalho, que possibilite levar para os seus filhos o sustento, e quantas vezes se vêem relegados e alvo da discriminação quando, pensando que finalmente podem expressar em autêntica liberdade os seus problemas, se encontram depois à mercê de um grupo minoritário.

Aconteceu comigo, conforme pode ser testemunhado, aqui, na Fusetta e por ser um caso que importa a milhares e milhares de trabalhadores de todo o litoral português aqui o trago, esperando que surja um raio de justiça e de compreensão na análise lúcida do assunto.

Uma das questões que se levantaram e subsistem nas lotas é a das «palavras», entendendo-se por tal que por exemplo uma quantidade de peixe arrematada por 800\$00 aparece depois nos talões por cerca de 780\$00. Há como que uma situação de mútua tolerância entre os vendedores e os compradores neste jogo de palavras, as quais provocam manifesto prejuízo ao pescador e lesam o próprio Estado.

Verificando que esta situação era desonesta e nos talões deveria figurar o preço efectivo por que o peixe foi vendido, interpretando o pensamento e protesto de dezenas de meus camaradas, expus o assunto aos srs. delegado marítimo da Fusetta e chefe da secção de vendagem. O pedido mereceu pronta aprovação e ali foi afixado (ali, entendendo-se na lota da Fusetta) um aviso com o seguinte texto:

«Atenção, senhores compradores: Conforme manda o regulamento da lota, os vendedores têm ordens terminantes para não cederem «Palavras» na venda do peixe».

Julgava na minha boa fé que esta atitude podia ser honestamente interpretada e compreendida. Triste ilusão, pois que no dia seguinte ao regressar da pesca comecei a sentir, e de que modo, os efeitos da minha acção. Soube-se que eu fora (facto que nunca escondi), o autor do pedido e soube-se ainda que o peixe era meu. Assistiu-se então ao facto insólito de o peixe que eu capturara e deveria valer cerca de 800\$00, perante a atitude mordaz e, repito, altamente discriminatória dos compradores, receber de mim o «chui» quando o mesmo já estava relaxado por 180\$00. Creio que neste País livre e em que o trabalho é a força maior da Nação, este facto traduz bem todo um clima de compreensão por quem reivindica os seus direitos e por quem trabalha!!!

Dirigi-me mais tarde ao chefe da secção de vendagem a quem expus o assunto, pedindo licença para ir depois vender o peixe a um armazém. Inteirado da minha situação, compreendendo o assunto e procurando resolvê-lo, lamentou não me ser permitida tal atitude mas dirigiu-se aos compradores solicitando-lhes atenção e justiça, a fim de evitar actos destes e que o caso viesse a ser falado nos jornais, etc. Foi então de novo o peixe vendido mas cito a V. que a generosidade para com o meu pescado se traduziu numa desvalorização tão evidente que aponto os preços praticados para outros pescadores, sendo o meu o do barco «Deus não dorme» (assim espero, sr. director!):

Talão n.º 115 503 — Embarcação «Manjerico», 22,5 Kgs. — 755\$00 (33\$55/Kg); Talão n.º 115 505 — Embarcação «Deus não dorme», 29,5 Kgs — 660\$00 (22\$37/Kg); Talão n.º 115 530 — Embarcação «São Pedro», 23 Kgs — 770\$00 (33\$47/Kg).

Perante este facto e porque sentia que toda a minha actividade se encontrava e se encontra comprometida, pois o trabalho de centenas de homens está à mercê de um pequeno grupo, dirigi-me ao sr. delegado marítimo da Fusetta expondo a situação. O sr. comandante reuniu então os compradores a quem expôs o assunto e foi-lhes prometido que futuramente me comprariam o peixe em condições idênticas às dos meus camaradas.

Assim tem efectivamente acontecido mas refiro os factos e escrevo esta carta para que situações idênticas não voltem a acontecer e que o funcionamento das lotas conheça efectivamente um estilo de funcionamento que se traduza na equidade de relações entre compradores e pescadores, que não haja uma acção de verdadeiro «apartheid» em relação aos que justamente reivindicam e defendem os seus interesses e dos seus camaradas e que os que vão trabalhar na luta insana do mar não estejam à mercê de caprichos.

Agradecendo a V. a publicação desta carta apresento os meus cumprimentos, etc.

Rua da Igreja, Fusetta, 26-6-74.

João Eurico Dias de Sousa

ENFIM, LIVRES!

Pela primeira vez em 48 anos, os trabalhadores portugueses puderam manifestar-se livremente e sem medo de perseguição no dia do trabalhador, o 1.º de Maio. Meio século de ditadura cruel, meio século de repressão por parte de uma Pide que não hesitava em utilizar todos os meios de tortura para atingir os seus fins.

Milhares de trabalhadores estiveram em prisões rigorosas, como a de Casias ou a de Peniche, unicamente porque discordavam da política seguida pelo Governo. Eleições falsas em que a oposição não podia manifestar as suas ideias sem que fosse acusada de «comunismo» e os seus principais membros presos. Uma juventude refugiada no estrangeiro, para não servir um regime de ditadores. Milhares e milhares de trabalhadores, a maior parte clandestinos, viram-se obrigados a deixar os seus lares, os seus amigos, a fim de procurar dias melhores no estrangeiro. Uma inflação galopante surgiu, pois 50% do orçamento nacional é destinado a custear a guerra colonial em África. Tal foi a política seguida pelos ditadores. Entretanto que fizeram eles? Reforçaram a Pide em cerca de 30 000 agentes, para melhor se conservarem.

A queda do fascismo e a instauração da Democracia em Portugal, alegrou-nos profundamente. Nós, trabalhadores portugueses em França, regozijamo-nos pela decisão tomada pelo general Spínola de libertar todos os presos políticos, de suprimir a Pide, de libertar a Imprensa, de julgar os crimes cometidos pelo fascismo e de procurar por meios políticos e pacíficos resolver o problema das colónias portuguesas em África.

Estamos convencidos de que homens de valor como o dr. Mário Soares e tantos outros, tudo farão para melhorar a sorte do povo português.

«As cinzas apagadas voltaram a ter calor; Assim, a liberdade que um povo perdera voltou a reconquistar-se».

Viva a Junta de Salvação Nacional. Viva Portugal.

Rui Canelas

POEMA

Talvez porque um dia sonhei, talvez porque um dia quis ser poeta, e então olhei o céu, e sonhei com as estrelas. Talvez por tudo isto talvez?! Olho o mundo e vejo-o do exterior olho o homem e tento penetrar nele, e não odeio, nem amo, sinto-me somente indiferente, ao que se diz, ao que se faz, e vivo!

Talvez porque um dia sonhei, eu quero escrever hoje um poema, o teu, o meu, o nosso poema. O poema do operário, do pescador, do homem que passa na rua, que caminha ao teu lado, ao meu lado, e não me vê, nem te vê. O poema dos que sofrem, dos prisioneiros, dos roubados, dos conformados, daqueles que como eu sonham, e já não sonham.

Talvez porque um dia sonhei, talvez por isso o meu poema, não passe dum sonho, um sonho que se consome, um poema que deixa de ser poema!

Lisboa, 20-3-74.

Jorge Soeiro

Barcos de pesca e recreio à vela e a motor em poliéster reforçado com fibra de vidro

Construídos por:

APM

R. Convento da Sr.ª da Glória, 25
Tel. 63179 — LAGOS

DO FASCISMO QUOTIDIANO

Marina fazia a viagem de regresso no barco que parecia derrapar nas águas gelatinosas, sentada no banco duro de madeira castanha. Vinha sempre na carreira das dez e doze. Ao homem que estava sentado junto dela dizia: «hoje entrei outra vez às cinco da manhã». Se olhasse pela janela veria as luzes em nebulosa da cidade que se afastava, paquetes e outros barcos e o clarão que vinha das docas. Mas a cabeça pendia-lhe, atada por um lenço, e já a trazia apoiada na palma da mão. Abominava a paisagem. Sentia o corpo triturado, uma incómoda sensação de lassidão invadida e não era só os rins que sentia quebrados, era uma picada aguda cada vez que movia as coxas. Ao lado, à luz amarelada, o homem, um operário de fato de macaco azul e saco de comida, ouve-a dizer das suas queixas com a bonomia duns olhos circundados por profundas olheiras. Marina diz que se deita à meia noite e se levanta às quatro e meia da manhã. E pouco para descansar a cabeça. As cinco já apanha o barco para entrar no salão às seis. Depois do salão o escritório e depois do escritório o prédio. O operário pergunta: «então tem três empregos?» — «Pois, três», responde Marina. Estão os dois sentados no banco duro, há outros passageiros que leem jornais e um homem vende bolos. Ouvem-se as máquinas do barco abrandarem porque o cais está perto. O barco desliza, manobra, oscila. Acosta ao cais. Lentamente Marina ainda diz: «Não sou rica».

António M. Nunes Rosa Mendes

OLARIA DE ALMANSIL

CERAMICAS REGIONAIS DO ALGARVE

AZULEJOS DECORATIVOS

LOIÇA EM BARRO VERMELHO TOTALMENTE FEITA E PINTADA MANUALMENTE

PAINÉIS (EM QUALQUER MEDIDA) PLACAS PARA VIVENDAS


VENDAS

«A CONCHA» FARO — ALBUFEIRA — QUARTEIRA ALMANSIL
PRETENDO REVENDEDORES NOUTRAS LOCALIDADES

★ ★ ★ ★ ★

CASINOS do ALGARVE

às 23h e 1h até 10 de Julho



★ ★ ★ ★ ★

ALVOR

o sensacional cantor

SOL RAYE

KID LIMA

ballet

GERRY ATKINS SHOW

e a Orquestra do Casino

VILAMOURA

a cantora americana

PEARLY GATES

o ilusionista português

ROVIT

ballet

THE LEE DELL DANCERS

e a Orquestra do Casino

Sala de máquinas — acesso livre a maiores de 21 anos
Sala de jogos — diariamente das 17h às 3h
Alvor — tel. (0082) 23141
Vilamoura — tel. (0089) 65319/86
Majores de 14 anos

★ ★ ★ ★ ★

CASINOS DO ALGARVE

QUEM BEBE VINHOS

ARRUDA

NÃO MUDA



Produzidos pela: ADEGA COOPERATIVA DE ARRUDA DOS VINHOS

exija-os sempre à sua mesa

em casa, no bar ou no restaurante

TINTO BRANCO • RUBI

Um produto da rede distribuidora

DEPOSITOS - FARO tel. 23669 • TAVIRA tel. 22620 • LAGOS tel. 62287
PORTIMÃO tel. 23685 • MESSINES tel. 45306/07/08/09

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

EST.º TEÓFILO FONTAINHAS NETO COM.º E IND.º S.A.R.L.
Telex 18233-Teleg. Teuf. 45306/07/08/09 - Caixa Postal 1 - S.B. de MESSINES - Algarve - Portugal

CORREIO de LAGOS

«JORNALISMO E SIMPATIA»

Com o artigo de João França, sob o título «Jornalismo e simpatia», inserto no n.º 900 do *Jornal do Algarve*, lembro os primeiros contactos com o semanário que o saudoso José Barão fundou para dar alma à Província que o viu nascer, e ocorre-me que recebidos, os primeiros números, resolvi devolvê-los, justificando o facto por afa-

zeres que me não deixavam tempo para ler. Aconteceu porém que dias depois de o ter feito, veio-me parar às mãos um exemplar com assuntos sobre Lagos, expostos com tanta realidade que não resisti a escrever uma carta de apoio. Essa carta foi publicada, outra se seguiu, contactos com Torquato da Luz, José Manuel Pereira e, uma vez, com José Barão, e da simpatia por todos estes valores, nasceu a simpatia pelo jornal que passou a fazer parte da minha vida, só assim se explicando que um semianalfabeto como o Piscarreta tenha produzido algo que mereça referências elogiosas de escritores e jornalistas como João França. Número do jornal que não inserisse algumas linhas do Piscarreta, constituía grande vazio, e tal aconteceu por mais de uma vez, porque a maldade de alguns homens para tanto contribuiu. Sei que José Barão sofreu com as ocorrências que originaram as interrupções, pois em carta que me escreveu poucos dias antes da sua morte revelou bem a amizade que por mim nutria. A resposta adequada que lhe enderecei, duvido que chegasse ao seu conhecimento, mas como ele continua vivo no meu pensamento, que muitos se ocupem da obra que nos legou, para que o seu exemplo fecunde.

José Castel-Branco

MÉDICO ESPECIALISTA DOENÇAS DO CORAÇÃO

CONSULTAS:

2.ª, 4.ª e 6.ª feiras, em Lagos, na Rua Cândido dos Reis, 147

3.ª e 5.ª feiras em Portimão, às 17 horas, na Rua Dr. Manuel de Almeida, 2-3.º Esq.º

Telef. { Resid. - Lagos - 62771
{ Portimão - 23357

JORNAL DO ALGARVE

N.º 902 — 6-7-1974

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OLIVEIRA DE AZEMÉIS

Éditos de 30 dias

2.ª PUBLICAÇÃO

Por este Juízo e segunda secção de processos correm éditos de 30 dias citando a ré CAETANA DO CARMO CAVACO, casada com o réu António Gonçalves Alfarrobina, doméstica, que morou na rua Dr. Oliveira Salazar em Vila Real de Santo António e actualmente residente em parte incerta de Lisboa, para no prazo de 10 dias, findo que seja o dos éditos e estes contados da segunda e última publicação do presente anúncio, contestar a acção com processo sumário que lhe move a Molaflex — Molas Flexíveis Lda., com sede em S. João da Madeira, para dela haver a quantia de 30 256\$00, proveniente do fornecimento de mercadorias destinadas ao comércio do marido da ré.

Oliveira de Azeméis, 15 de Junho de 1974

O Juiz de Direito,

a) José Miranda Gusmão de Medeiros

O Escrivão,

a) Joaquim Lino

SURGIU, ENFIM, UMA CARTA DE DARIO BARROSO

O *Jornal do Algarve* de 22 do mês findo, insere uma carta da autoria do sr. Dario Barroso, intitulada «As crónicas e notícias do senhor Piscarreta». Não dizendo algo sobre a sua acção no Hospital da Misericórdia, constitui a carta uma censura ao signatário e elevação a ele próprio.

Dentro dos bons princípios, quem se eleva diminui-se, não podendo assim nós felicitar-lo pelas expressões contidas na sua carta, entre as quais destacamos: «Também lhe lembro que eu sou como um muro que embora velho (quase com 62 anos) está muito bem alicerçado na dignidade e na honra».

Todos pecamos, sr. Dario Barroso, e confesso-lhe que sempre me animou a vontade de servir, lutando pela defesa dos interesses colectivos, e que em alguns casos, como no do Hospital, deixo de me documentar, por alcançar que se o fizesse, poderia vir a desvirtuar a verdade do Povo, que, regra geral, sofre pelo «posso, quero e mando» de pessoas que ocupando posição de destaque, muitas vezes deixam de ceder à razão para não descerem do pedestal que constroem segundo a sua forma de ser e agir.

Continuaremos pois aguardando que luz se faça no caso do Hospital, e fazemos votos pelo restabelecimento do sr. Dario Barroso, visto que com os males do nosso semelhante ninguém se deve regozijar.

Joaquim de Sousa Piscarreta

Vende-se

Prédio de gaveto, Rua da Princesa, 73 e Rua Conselheiro Frederico Ramirez, 8, 10 e 12 em Vila Real de Santo António.

Bem localizado, com vista para o Guadiana e com a área de 17x11. Serve para comércio e habitação. Tratar no local com o proprietário.

Concursos para admissão de médicos dos quadros clínicos das instituições de Previdência

Estão abertos de 3 a 22 de Julho de 1974 concursos documentais de habilitação para médicos dos quadros das instituições de previdência nos serviços, postos clínicos e caixas de previdência abaixo indicadas:

Caixas de Previdência	Postos Clínicos	Serviços	Caixas de Previdência	Postos Clínicos	Serviços	
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Aveiro Av.ª Dr. Lourenço Peixinho, 110 AVEIRO	Anadia	Ginecologia Pediatria	Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Leiria Av.ª Heróis de Angola LEIRIA	Amoreira	Clínica Médica	
	Aveiro	Neurologia Oftalmologia		Caldas da Rainha	Cirurgia Ginecologia Clínica Médica Oftalmologia Otorrinolaringologia Pediatria Urologia	
	Estarreja	Estomatologia Ginecologia Pediatria			Guia	Clínica Médica
	Ovar	Ginecologia			Leiria	Estomatologia
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Bragança Praça Dr. Cavaleiro de Ferreira BRAGANÇA	Vila Flor	Clínica Médica	Monte Redondo		Clínica Médica	
	Vila Praia d'Áncora	Clínica Médica	Vermoil	Clínica Médica		
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Viana do Castelo Largo 5 de Outubro VIANA DO CASTELO	Viana do Castelo	Dermatovenereologia Estomatologia Ginecologia Neurologia Oftalmologia Ortopedia Otorrinolaringologia	Área de Lisboa	Estomatologia		
	Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Coimbra Av.ª Fernão de Magalhães, 612 COIMBRA	Cadima	Clínica Médica	Alhandra	Cirurgia Ginecologia Clínica Médica Obstetrícia Otorrinolaringologia	
Febras		Clínica Médica	Alverca		Ginecologia Obstetrícia	
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Évora Largo Chafariz d'El-Rei ÉVORA		Azaruja	Clínica Médica		Amadora	Pediatria
		Évora	Clínica Médica		Cacém	Estomatologia Ginecologia Obstetrícia
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Faro Rua Infante D. Henrique FARO	S. Miguel de Machede	Clínica Médica	Carregado	Clínica Médica		
	Vimieiro	Clínica Médica	Damaia	Ginecologia Obstetrícia		
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Faro Rua Infante D. Henrique FARO	S. Brás de Alportel	Cirurgia	Estoril	Ginecologia Obstetrícia		
	Portimão	Dermatovenereologia Ortopedia	Loures	Clínica Médica		
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito da Guarda Palácio das Corporações GUARDA	Quarteira	Clínica Médica	Venda Nova	Cirurgia Pediatria		
	Aguiar da Beira	Estomatologia	Barreiros	Clínica Médica		
	Almeida	Estomatologia		S. Pedro da Cova	Clínica Médica	
	Figueira de Castelo Rodrigo	Estomatologia	Abrantes	Oftalmologia		
	Fornos de Algodres	Estomatologia		Benavente	Cirurgia	
	Mêda	Estomatologia	Salvaterra de Magos	Clínica Médica		
	Pinhel	Estomatologia	Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Santarém Largo do Milagre SANTARÉM	Santarém	Clínica Médica	
	Sabugal	Estomatologia				
Vila Nova de Foz Côa	Estomatologia					

As condições de admissão encontram-se patentes naqueles postos, nas caixas de previdência interessadas e na Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família.

A documentação deverá ser entregue até às 18h. do dia 22 de Julho de 1974 na Inspeção Médica da Federação, na Avenida dos Estados Unidos, n.º 37 - 5.º Esq.º Lisboa, ou na respectiva caixa de previdência a que o concurso diga respeito.

O provimento nos lugares é da competência das respectivas caixas de previdência de acordo com a posição dos candidatos após a sua classificação no concurso documental de habilitação.

Lisboa, 20 de Junho de 1974

A Direcção da Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família

O passo que falta dar

(Conclusão da 1.ª página)

sentimento de revanchismo, de repúdio contra um tratado de paz estupidamente duro e infantilmente humilhante. Na Espanha, o fascismo foi ajudado de fora.

Em Portugal, até mesmo as classes economicamente mais débeis desejavam (e parece-me bem que sempre desejaram e desejam) a calma, a paz, a ordem e o sossego. Assim, o comerciante, o marçano, o funcionário, o empregado de escritório, o capataz estavam de acordo com o proprietário de terras e com o industrial na procura da ordem, da paz, do sossego.

Até ao final da segunda guerra mundial, o povo português consciente estava impossibilitado de lutar eficazmente contra um regime que, pode dizer-se, ocupava praticamente toda a Europa continental. O fim desta guerra, todavia, não acarretou, nem em Portugal nem em Espanha, o fim de um regime que, afinal, os aliados diziam combater.

No nosso país (sabe tão bem dizer, hoje, o nosso País, porque é verdade) o fascismo manteve-se por várias ordens de razões.

Em primeiro lugar, porque o poder económico continuava nas mãos de latifundiários, industriais e banqueiros, fiados na protecção aduaneira. Em segundo lugar, porque, à política americana da guerra fria convinha a existência de um governo ferocemente anti-comunista. Em terceiro lugar porque as forças de oposição se não souberam unir. E finalmente (e principalmente) porque o povo, em vez de resolver o seu problema dentro das suas fronteiras, o procurou resolver atravessando-as.

Mas o latifundiário (privado, pela emigração, da mão-de-obra barata, principal fonte de seu rendimento e não possuindo, por imprevisão, maquinaria destinada a substituí-la) perdeu poder económico a favor de um crescente grupo de neo-capitalistas (grandes industriais, banqueiros poderosos) que vêm a barreira pautal cada vez mais franca e sentem a amea-

ça da competição europeia cada vez mais forte. Ora, ao passo que o latifundiário necessita de mão-de-obra barata, portanto, analfabeta — para lavar, sachar, mondar, não é preciso saber ler — o industrial e o banqueiro modernos, pelo contrário, precisam de pessoas que saibam ler línguas estrangeiras para trabalhar e cuidar das máquinas estrangeiras, e de indivíduos cultos, que entendam a complexa mecânica dos mercados internacionais de valores e de bolsas. Estes indivíduos não toleram ser tratados como campônios analfabetos. Quando não, emigram para outro país, a fábrica fica sem mão-de-obra que lhe permita laborar e o industrial perde dinheiro — única coisa que preocupa o capitalista e não a censura ou a pida.

Começou, assim, a gerar-se no seio do fascismo reinante em Portugal uma oposição de interesse entre o velho capitalista autoritário e duro (latifundiários, industriais e banqueiros agarrados à ideia da protecção pautal) e o moderno capitalista, virado para a Europa, todo ele democrata dos pés à cabeça — já sabemos muito bem porquê. E esta facção que vem tomando força sempre ascendente em Portugal, a partir de 1945. Ajudado pelo capital estrangeiro, este neo-capitalismo pode hoje ser considerado como a principal força económica portuguesa. A chamada intento na dos generais

Pára-raios

dos tipos Franklin e Rádio-Activos, fornecemos e instalamos em qualquer parte do País.

Orçamentos Grátis.

Dirigir à casa mais antiga do Sul do País, autorizada pela Junta de Energia Nuclear. Heliodoro Nobre Valente, Lda. — apart. 3 — telefone 52101 — Ourique.

(Botelho Moniz) representa a primeira mais evidente demonstração pública (melhor seria dizer quase pública, atento o pesado véu de embaraçado silêncio que sempre rodeou esse assunto) da nova força.

A necessidade, causada pela guerra colonial, de fazer entrar nos quadros, sempre cuidadosamente escolhidos e depurados, do exército, jovens oficiais politicamente consciencializados, agudizou o conflito e, com outras causas que não importa analisar, levou ao pronunciamento das Caldas e, depois, ao 25 de Abril.

Por tanto, quando um pessimista das direitas nos vier afirmar, com alegria mais ou menos disfarçada, o regresso de Caetano, podemos estar tranquilos porque nem o neo-capitalismo tal deseja. E também me parece que podemos afirmar ao pessimista superficial das esquerdas que não será a divergência entre a extrema esquerda e a esquerda nem uma possível cisão entre a esquerda e o centro que fará regressar o fascismo, mesmo na sua fase decadente ou marcelista (o fascismo salazarista, esse, está tão morto como o seu chefe de fila).

O que poderemos ter, caso o povo não se mantenha atento — e já vai dando mostras disso — e não souber usar de todo o seu imenso poder — o que teremos é uma democracia capitalista tipo degaullista, com jornais, sem dúvida, a criticar; partidos políticos, sem dúvida, a funcionar, mas ricos sem dúvida, a continuar a engordar.

A pida está definitivamente morta. A censura (à moda antiga, entendenda-se) está definitivamente morta. E as condições sócio-económicas parecem-me contrárias ao seu renascimento. Por esse lado, podemos e devemos estar descansados, bem me parece.

Gostaria é que fosse dado o passo a seguir àquele que os jovens oficiais deram no dia 25 de Abril de 1974.

Afonso de Castro Mendes

O surto de cólera

Segundo a Direcção-Geral de Saúde, 272 casos de cólera foram comprovados laboratorialmente e internados em vários hospitais do País, desde Abril. Destes, seis foram mortais: um no concelho de Murto, dois em Lisboa, dois no Porto e um no Barreiro.

Na nossa Província houve até agora um caso em Lagoa, 12 em Faro, 18 em Tavira, 8 em Olhão e um em Vila Real de Santo António. O doente vila-realense de há várias semanas que faz a sua vida normal de operário conserveiro.

Insólito

BREVEMENTE

SURDEZ

OTACÚSTICA, a mais moderna casa especializada em aparelhagem de correcção auditiva, proporciona EXAMES GRÁTIS, nas seguintes localidades:

SEGUNDA-FEIRA — DIA 15 DE JULHO

LOULÉ — Farmácia Madeira — das 9 às 10 horas
FARO — Farmácia Higiene — das 10 às 11 horas
TAVIRA — Farmácia Sousa — das 12 às 13 horas
PORTIMÃO — Farm. Rosa Nunes — das 15 às 16 horas
LAGOS — Farm. Lacobrigense — das 17 às 18 horas

PREÇOS DE LANÇAMENTO

OTACÚSTICA

Rua da Madalena, 152-1.º — Tel. 865275 — LISBOA

Camioneta de carga destruída pelo fogo

Nas Campinas de Faro, uma camioneta de carga que transportava um carregamento de palha tocou nuns fios eléctricos, rebentando-os e provocando um curto-circuito. A palha foi pasto fácil para as chamas que rapidamente se desenvolveram. O contacto dos fios eléctricos com os cabos de aço utilizados para segurar a carga, fez com que a corrente se espalhasse a toda a viatura, ampliando a extensão do sinistro. A despeito dos esforços despendidos, o veículo ficou reduzido a um monte de ferros calcinados. O calor desenvolvido fez com que 10 bidões com gasóleo, que se encontravam perto, rebentassem. No local compareceram as Corporações de Bombeiros de Faro, evitando que o fogo se propagasse a várias moradias, vedando assim o caminho a uma tragédia.

O veículo era propriedade do sr. Jesuino Matias, de Almodôvar.

CENA DE TIROS EM FARO

No Tribunal Judicial de Faro foram julgados por implicação em furtos de viaturas, os jovens Mário Silveira Pinhão, de 20 anos, solteiro, decorador; seu irmão, Luís Filipe Silveira Pinhão, de 18 anos, solteiro, alfaiate, ambos naturais e residentes na freguesia de São Sebastião da Pedreira (Lisboa); Luís Casimiro Pereira da Costa, de 20 anos, bate-chapas, solteiro, natural e residente na freguesia de Santa Isabel (Lisboa) e Virgílio José Ferrão da Silva, de 20 anos, electricista, solteiro, natural e residente em Santa Comba (Seia).

Foi-lhes aplicada a pena de 18 meses de prisão, que ficou no entanto suspensa, excepto para o primeiro que por ser reincidente teria de cumprir 6 meses de cadeia. Ao ser conduzido para o carro celular, o Mário Pinhão fugiu, dirigindo-se para um veículo automóvel de que era condutor o sr. Francisco José de Oliveira Ribeiro, motorista, solteiro, de 41 anos, residente na Amadora e que se julga estar implicado numa projectada fuga dos julgados. Correu para ambos empunhando uma arma o guarda prisional sr. Júlio da Conceição Assis e da discussão travada resultou que a arma se desfechou, trespassando o projectil o tórax do sr. Francisco Ribeiro, indo depois apanhar o braço de um amigo dos julgados, o sr. Raul Fernando Pires dos Santos Rico, de 30 anos, residente em Caniços e atingindo ainda o casaco e a carteira do advogado de defesa dr. Aroleno Novais. Os dois primeiros foram conduzidos ao Hospital de Faro, de onde o primeiro, dada a gravidade do seu estado, seguiu para Lisboa.

TINTAS «EXCELSIOR»

Actualidades desportivas

FUTEBOL

O I TORNEIO INTERNACIONAL DO ALGARVE DECORRERÁ A 24, 25 E 27 DE AGOSTO

Está definitivamente assente a realização do I Torneio Internacional de Futebol do Algarve, concretizando-se assim uma ideia que há muitos anos, mormente após o ingresso do Farense na I Divisão, se vinha expressando.

Após contactos entre o clube da capital algarvia, as Organizações Tetra e outras entidades, foi possível dar o arranque e servir o futebol provincial com uma promoção de nível internacional e bastante vulgarizada no país vizinho. A par dos troféus «Carranza» (Cádiz), «Colombino» (Huelva), «Ciudad de Sevilla», «San Juan» (Badajoz), etc. o Algarve vai ter o seu I Torneio Internacional, que se disputará no Estádio de São Luís, em Faro, em 24, 25 e 27 do próximo mês.

Participam as equipas do Sporting Clube de Portugal, Sporting Farense, Bétis de Sevilha (que retornou à I Liga de Espanha) e os célebres «Wolves» (equipa da Liga Inglesa). Um valioso lote de formações futebolísticas presentes nesta edição inaugural do certame. O vencedor receberá o troféu «Algarve», instituído pelo Banco do Algarve, conforme desejo do financeiro João Rocha.

O torneio será disputado nos moldes da «Taça Latina» defrontando-se na última jornada (dia 27 de Agosto) os vencidos (3.º e 4.º lugares) e os vencedores (1.º e 2.º lugares).

Para dirigir os encontros, consta que vão ser convidados os árbitros internacionais César Correia e António Garrido.

CICLISMO

CAMPEONATO NACIONAL DE FUNDO

Fernando Mendes, do Benfica, foi o vencedor do Campeonato Nacional de Fundo para Profissionais disputado na zona do Porto e que teve a presença de quatro ciclistas do Ginásio Clube de Tavira: José Maria Nunes, Carlos Vitorino, César Aires e Jorge Fernandes. Destes, apenas Carlos Vitorino não concluiu a prova, devido a queda. Na classificação final, José Maria Nunes ocupou a quinta posição.

FESTIVAL NA PISTA DE TAVIRA

Com a presença das equipas de profissionais do Benfica, Ginásio e Louletano, disputou-se em Tavira mais um festival velocipedico. Registraram-se os seguintes vencedores:

Populares, 15 voltas, José Eugénio. Amadores, Italiana, Torralta; 30 voltas, Agripino Marques Torralta. Profissionais: Italiana, Tavira A e Tavira B; Critério 25 voltas, Joaquim Leite (Benfica), 17 pontos; 80 voltas, Jorge Fernandes (Tavira).

Capataz de Pulverização

De preferência com tractor. Dirigir-se a Gabriel Tomé, Av. S. João de Deus, 49-2.º Dto. — Portimão — Telefone 24150.

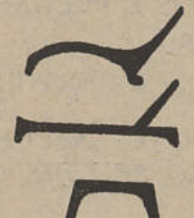
Troféu «Brandy Casal Sereno»

Conforme oportunamente noticiámos, o concurso «O melhor futebolista algarvio do ano», organizado pelo nosso jornal com o patrocínio da firma Francisco Matias, de Torres Vedras, teve esta época como vencedor o jovem Manuel Fernandes, natural de Vila Real de Santo António e actualmente ao serviço do Sporting Farense.

Como está estabelecido, a eleição é feita única e exclusivamente pelos nosos assinantes e leitores, que nos enviam o número de cupões que entenderem, votando nos seus favoritos. Esta época, e em virtude da grande animação que o concurso teve na sua ponta final, Manuel Fernandes acabou por ser o vencedor, devido ao elevado número de votos que os seus admiradores lhe dedicaram nas últimas semanas.

A vitória de Manuel Fernandes não foi bem aceite por um dos seus adversários, no caso, Almeida I, seu colega de equipa, de quem recebemos a carta que abaixo transcrevemos e da qual preferimos

Móveis para exteriores, em fibra de vidro



Fabricantes:

APM

R. Convento do Sr.ª da Glória, 25 Telef. 63179 — LAGOS

ANDEBOL

JOGOU-SE EM FARO A FINAL DA TAÇA DE PORTUGAL

Bem andou a Federação Portuguesa de Andebol ao marcar para a capital do Distrito a final da Taça de Portugal, numa jornada de evidente interesse para a modalidade, visando (uma vez mais) que o Algarve adira finalmente à prática oficial do popular desporto.

É evidente que este acto, por si, não pode determinar o desejado aparecimento do andebol de sete mas de novo se disse «sim» a uma modalidade que goza dos favores do público algarvio.

Bastante gente num recinto que não tem grande lotação e isto a despeito do custo dos bilhetes, 20\$00 (numa jornada de lançamento) e embora se conheçam os múltiplos encargos, dizíamos, é algo caro) gente que seguiu entusiasmada, não obstante o aspecto pouco simpático e pouco desportivo de várias entradas mais violentas.

Com as equipas formadas o dr. Almeida Carrapato, presidente da Comissão Administrativa da Câmara de Faro, e o sr. António Rolo, vice-presidente da FPA, procederam à entrega de medalhas comemorativas da final que opôs duas das melhores formações portuguesas. Ao prof. Eduardo Tenazinha, delegado distrital do Desporto Escolar e não Federado, e grande entusiasta desta iniciativa foi entregue pela Federação Portuguesa de Andebol uma placa testemunhando o apreço deste organismo pela sua acção.

Dirigiu o encontro a dupla constituída pelos srs. Rogério Gil e João Martins.

As equipas alinharam e marcaram: Os Belenenses — Carrasco, Mesquita, Miranda Dias, Ferreira (4), Sousa, Mendes (2), Espadinha (5), Carlos Jorge, José Francisco, Rafael, Montenegro (2) e Hernani (4); Benfica — Anaia, Miranda, Vasco Vasconcelos (2), Mendes (1), Soares, Bernardo Vasconcelos, Domingues, Borges (4), João Gonçalves (2), José Agostinho (3), Nazaré e Carlos Vasconcelos.

Domínio inicial do sete encarnado que alcançou a vantagem de 6-2, para depois permitir a ascensão azul. Quase a atingir-se o intervalo, a marca era de 9-9. Uma grande penalidade convertida por Borges colocou o Benfica em vencedor por 10-9. Após o retorno das equipas, a formação de Belém apareceu com maior capacidade e colocou-se em vencedora por 12-10, mas o Benfica reagiu e quase no final a marca era de 14-14. Na ponta final, Os Belenenses, alargando maior capacidade física, foram fulminantes e terminaram vencendo por 17-14.

No final o dr. Almeida Carrapato fez entrega ao capitão dos azuis da Taça de Portugal.

Vendem-se

Com chave na mão todas as casas do Bairro Nossa Senhora de Fátima, nas Hortas de Vila Real de Santo António.

Recebem-se propostas em carta fechada reservando-se o direito de não aceitar se a oferta mais alta não convir.

Respostas para D. Brites Rosa Marques Belião Horta.

Bairro N. Sr.ª de Fátima, 5 Hortas — Vila Real de Santo António.

Noticias de Armação de Pêra

No dia 25 de Junho foi à Comissão Administrativa Provisória, constituída pelos srs. Manuel Delim Ribeiro, Luis Patricio Pereira Ricardo e Abílio Leote Ribeiro, dada a posse dos serviços administrativos da Junta de Freguesia de Armação de Pêra, pelo secretário da Câmara Municipal de Silves como delegado da J. S. N. Após o acto foi oferecido pelos empossados um pequeno lanche aos elementos da Junta de Freguesia cessante e mais convivas, que decorreu em agradável e amistoso ambiente de camaradagem e bom entendimento. O presidente da Junta de Freguesia cessante no desejo de retribuir a gentileza, ofereceu, no dia 29, um jantar à nova C. A. P., de despedida da presidência da Junta de Freguesia, o qual decorreu pela tarde fora num ambiente de fraternal camaradagem. Ao brindar, o presidente da Junta cessante disse: «despeço-me dos serviços da Junta com a consciência limpa e tranquila de ter cumprido o melhor possível o meu dever, a bem do povo da minha terra e de colaborar no progresso do nosso País e se mais melhoramentos não foram feitos, não foi por falta de lutar para conseguir tal realização. Mas a vontade e ajuda dos filhos desta minha terra foi contrária à minha vontade e aos anseios do povo. Assim, não temos um bairro de pescadores, não temos um bairro económico, etc., porque os proprietários dos terrenos indicados para essas construções, não nos quiseram vender esses terrenos indispensáveis à construção, pois para esse fim, o ministro das Obras Públicas de então, eng. Arantes Oliveira, se deslocou três vezes a esta terra para tratar da localização dessas obras, tão necessárias aos habitantes de Armação de Pêra. Infelizmente nada foi feito porque, como já disse, os donos dos terrenos não os quiseram vender, e as obras não poderiam ser construídas no céu. Despeço-me, sim como presidente da Junta de Freguesia, mas não me despeço de colaborador no progresso e engrandecimento da nossa terra e sinto-me muito satisfeito com a vossa nomeação, já porque os conheço muito bem como pessoas sérias, inteligentes, trabalhadoras e unidas numa grande vontade de produzir algo de útil para o povo que tanto amo e de que desejo o maior progresso. Eu, praticamente lutei quase sempre só, tanto ao serviço do povo como na imprensa ao serviço do progresso da minha terra e hoje que vejo em V. pessoas dinâmicas e de grande vontade construtiva, peço-lhes que aceitem também a sincera e leal colaboração de todos os meus préstimos, no sentido de conseguirmos os mais frementos anseios da nossa querida terra».

Para os nossos pobres

De um anónimo de Lagos recebemos 100\$00 para os nossos protegidos.

Agradecemos, em nome dos contemplados.

Casa vende-se

Com quintal e terreno, sita na R. Dr. Oliveira Salazar, 47 — Castro Marim, Área aproximada 250 m2 com o terreno. Trata sr. Manuel Marçal Sousa ou telef. 28 43 64.

CITROEN D 20 SUPER

De 5 velocidades, impecável, vende V. Castelo, telefone 22105 — Portimão.

tência por não ter deixado ouvir até ao fim o que pretendiam dizer e depois manifestar-se-lhe contra ou a favor, conforme julgasse conveniente. Portanto, isto creio ser bastante elucidativo de que não andei a treinar, fosse quem fosse para os ir valer. E, segundo me consta, creio que foi alguém da assistência ao microfone, dizer as razões que levaram a assistência a proceder assim. Não preciso de «enrolar o estójo», porque dentro da minha consciência e das minhas acções, tenho procedido e lutado para o bem de todos, sem prejuízos, nem descontentamento de ninguém. Agora os que olham só para si e para os seus interesses, prejudicando por vezes uma sociedade, esses é que devem «enrolar o estójo». E para terminar, nunca tive medo de ninguém e ando sempre de frente erguida e sem receio que me cortem na casaca. E em todos os tempos da minha vida tenho sido sempre assim.

Eurico Santos Patricio

Compra-se

Prédio rústico com 4 a 6 ha, nas imediações de Silves, Messines ou Loulé, com bastante água. Resposta indicando preço, local e demais condições a este jornal ao n.º 17 915.

Viva despreocupado
Empregue o seu capital

Cesário & C.ª, Lda.

EXISTE PARA O SERVIR

Vende, compra e troca

MORADIAS
ANDARES
APARTAMENTOS

em regime de propriedade horizontal

Encarrega-se de todos os contactos com inquilinos

Sede: Rua José de Matos, 33
Telefs. 26216 ou 25998 de FARO



MUNDIAL DE 74

No prosseguimento de uma política altamente progressista de estímulo a nível internacional, a AEG-Telefunken Portuguesa, SARL, convidou um grupo dos seus agentes das zonas de Coimbra e Faro para assistir, em Frankfurt e Hannover a algumas das fases do Campeonato Mundial de Futebol.

A pequena caravana, que saiu de Lisboa, era acompanhada pelos chefes de Delegação da AEG das respectivas zonas, bem como do chefe dos serviços comerciais. No decorrer da viagem, e com vista a uma valorização profissional que contribuirá eficazmente para uma melhor técnica de comercialização das linhas de electrodomésticos de ambas estas reputadas marcas, o grupo visitará pormenorizadamente, em Celle, uma das fábricas da AEG - Telefunken.

IMAGENS DE S. BRÁS DE ALPORTEL

Assisti ao primeiro contacto da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de S. Brás de Alportel com os seus municípios. Eram poucos mas bons, os jovens e a velha guarda presentes! Deve-se este facto, nem a medo nem a cobardia, mas tão somente às consequências de negregada despolitização de meio século! Até para colaborar na salvação do concelho deparámos com hipoteses negativas, caramba! Preferimos egoisticamente observar através do «vídeo» as lutas reivindicativas do povo português, jogar descontratamente o «king» ou dominó no malfadado despique da bica. Todos comentamos que isto está mal, mas participar, não é conosco. Comodistas de se lhe tirar o chapéu, as duas últimas gerações voltadas para o ano 2000!

Com jeito vai, Comissão Administrativa?

Mas a meia-dúzia de carolas presentes, valeu como gente grande. Manifestaram-se sem papas na língua. Venceram alto e bom som, o que está bem e o que está mal, autopsiaram uns quantos «casos», ficando outros para a «fornada» seguinte, com coragem desassombro. Desnudaram dificuldades de instituições, evocaram interesses movendo-se na órbita particular com ligações de carácter geral e viu-se que o dinheiro, o soberano e vil metal, continua na senda corruptora, comprando consciências, como dizia o saudoso amigo Brito. Não foi, pois, um festival de roupa suja e encardida, a que assisti. Ficou-se a saber factos estranhos que particularmente me embasbacaram, envolvidos na «gase» de confusos interesses particulares, com a bússola atingindo invariavelmente a mesma direcção. Personagens que moviam os cordelinhos na ribalta do teatro de marionetes, com arte, requinte e saber.

Costuma-se dizer que na terra dos cegos quem tem um olho é rei. Mas por aqui, há meia-dúzia de «soberanos» que manejavam os seus súbditos como entendiam e queriam, acostumados a uma passividade medieval. A comandita, os bonitões e engraçados, dominavam tudo e todos a seu belo prazer, senhores absolutos das chaves desta arruinada fortaleza, detentores das maiores fortunas algarvias. Entretanto, sucedia o reverso da medalha aos que não tinham «padrinhos», a contas com os rigores da lei envolvidos em teias burocráticas sem fim, que provocavam aborrecimento, tédio, enervamento, e, por fim a desistência pura e simples. E para adoçar a «caldagem» umas multazinhas ve-

nenosas, na piedosa intenção de acalmar a brotoeira. Era o tiro de misericórdia nos sonhos dourados, uma explosão fragorosa de nervos. São estas as conclusões que ressaltam da primeira sessão pública na Câmara, após a posse da Comissão Administrativa. Reunião de nível popular, fértil e apaixonante na diversidade de temas desconhecidos, válidos no seu extracto. O são-brasense deveria integrar-se nestas jornadas de esclarecimento... do passado. Delas ressalta o compadrio nadando à tona de água, sem qualquer contestação da parte de alguns visados, um silêncio sepulchral. Entretanto, as ruas são traiçoeiras alcapões e montes de lixo estagnam às portas da povoação. Exalam «perfume» canos de esgoto sem cobertura, a tombar os incautos. Nas imediações do mata-douro, há imundície que espera por explosão nuclear. Os caminhos vicinais e as redes de estradas do concelho estão desmantelados, atacando-se pessoas, animais e viaturas. Mesquita, Peral e Mealhas, este sítio esperando uma comparticipação que possivelmente nem se terá processado, são gritantes cartazes do desleixo geral que faz perder as estribelhas a este bom povo serrano. Senhores da Comissão Administrativa: Olhem por favor para a miséria dourada do nosso concelho. Não se deixem subornar por petiscos e outras manobras dilatórias dos sabotadores locais. O nosso concelho, com pretensões mais que justificadas, tem estado ao canto da arca pela inépcia dos seus administradores, recosos de pedir. E para defendê-lo e elevá-lo ao pedestal a que tem juz no xadrez algarvio, que fostes eleitos. Se vos falecer o ânimo, se sois da mesma massa dos predecessores, não endireitando o que está torto como um garrocho, desisti, dando lugar a outros da ténpera de antes quebrar que torcer. Não vos deixeis embalar pelos fados planagentes de guitarradas, na intimidade dos copinhos de adegas particulares. O povo são-brasense não está politizado, mas sabe o que quer e para onde vai. Ele confia em vós. Não vos deixeis atraícoar nem o desludais. Cumprí o vosso mandato democrático com honra e dignidade, que nós vamos colaborar. Por mim confio abertamente em vocês, jogando na dupla que vive e trabalha no centro da vila. Olho vivo e pé leve; combinado?

APARTAMENTO — QUARTEIRA
VENDE-SE

Alcatifado, forrado a papel, com ou sem mobília, pronto a habitar, frente para o mar.

Informa telefones 6 22 59 de Loulé até às 19 h, e 70 94 56 de Lisboa depois das 19 h.

F. Clara Neves

BRISAS do GUADIANA

OS CINE-CLUBES E A SUA MISSÃO DE ESCLARECIMENTO

O GLÓRIA Futebol Clube, de Vila Real de Santo António, com secção de cinema para os associados, devido à reduzida lotação da sua sala, realiza geralmente duas sessões por noite com o mesmo filme e exibiu, não há muito, a película «O momento de morrer». Impossibilitado de ver a primeira sessão, por esta decorrer cedo de mais para as nossas disponibilidades de tempo, dispusemo-nos a assistir à segunda e para o efeito dirigimo-nos ao clube na hora aprazada. No caminho encontramos uma pessoa conhecida que assistira à primeira sessão e a quem consultámos, como já noutras ocasiões fizéramos, quanto à boa ou má «qualidade» da fita. Respondeu-nos que, apesar do anúncio constante dos «quadrinhos» de propaganda, de que o filme fora galardoado em 1970 com o Prémio da Crítica do Festival de Berlim, não conseguira entender-lhe quase nada do conteúdo, o que aconteceu a outros espectadores, alguns dos quais, por tal motivo, haviam saído antes do fim da sessão.

Embora um tanto indeciso, mas animado pelos dizeres dos «quadrinhos», sempre nos dispusemos a ver a segunda exibição da fita, cujo interesse crescente acabou por fazer-nos dar por bem empregado o tempo com ela despendido, levando-nos também a escrever estas linhas. O realizador, usando um argumento um pouco à base de ficção científica, fizera obra algo fora das linhas tradicionais mas que, com um prévio embora resumido esclarecimento ao espectador desavisado, fá-lo-ia por certo acompanhar com interesse e curiosidade o que de outro modo se lhe afiguraria insípido.

Esta ocorrência fez-nos lembrar que em Vila Real de Santo António funcionou em tempos um Cine-Clube, por sinal o primeiro a dar sinal de si na provincia algarvia, cuja principal tarefa era esclarecer o público sobre o interesse e conteúdo dos filmes a exibir nas salas locais. Agora que os tempos são outros e a função e missão dos Cine-Clubes não metem medo a ninguém, não valeria a pena fazer regressar à actividade o de Vila Real de Santo António? Além da missão de elucidar o público sobre os filmes dignos ou não de com eles se perder (ou ganhar) algum tempo, haveria também a apresentação de filmes culturais do formato de 16 m/m, para a qual o Cine-Clube dispunha, quando em actividade, de máquina própria, que pensamos ainda existir.

Têm a palavra os novos (e os velhos) cine-clubistas da Vila Pom-balina.
J. M. P.

Sessão de esclarecimento na Altura

Promovido pela comissão conceh-lha de Vila Real de Santo António, do Movimento Democrático Português, realizou-se no cinema da Altura (Castro Marim) uma sessão de esclarecimento político. Usaram da palavra os srs. João Ilídio Setúbal, Manuel Cândido, Nunes Mariano e Joaquim Baptista Correia, que falaram do ensino, sindicalismo, cooperativismo e sobre a origem do Movimento de 25 de Abril.

Terminada a reunião, o povo da Altura pediu insistentemente aos oradores que voltassem a realizar sessões semelhantes, pois necessitavam de mais esclarecimentos.

Oficina de Canteiro

Aluga-se ou trespassa-se, com os direitos que pertencem aos operários que nela trabalham, situada na Avenida Salúquia. Quem pretender dirija-se ao próprio dono, Fabriciano Vargas Mendonça, que reside no 1.º andar da oficina, em Moura ou pelo telefone 22324.

QUARTEIRA, presente!

NÃO CONFUNDIR PESSIMISMO COM OPTIMISMO

TALVEZ o passado, com o seu interminável cortejo de promessas, seja a razão por que muito boa gente começa por encharcar-se em pessimismo. Contudo, se nos debruçarmos sobre certos casos, não será muito difícil alinharmos, não em pessimismo, mas em dúvidas com o seu quê de justificáveis. Ora vejamos: há bastantes meses que os responsáveis pelos

C. T. T. resolveram transferir a estação de Quarteira para uma casa digna de tal nome e assim alugaron novas instalações em frente do cinema, pelas quais estão a pagar desde há muito, cerca de uma dezena de contos por cada mês que passa. Com o saneamento do pessoal superior, era de acreditar que os novos responsáveis, chegariam à conclusão, aliás justa, de que atender o público na actual estação, é resolução inaceitável por ferir o prestígio dos C. T. T. e prejudicar os seus utentes. Haveria que saber esperar, se entretanto não tivesse surgido a notícia de que está a ser estudada a construção de edifício próprio. Mas quando?

Também no Município louletano houve saneamento, foi criada uma comissão para gerir o vasto concelho e dois meses depois, nem substituídos, nem substituídos, e já se diz que dessa comissão apenas serão aproveitados, quantos?

Também foi escolhida outra comissão para tomar conta dos destinos da Junta de Freguesia de Quarteira. Bem entendido que a sua tomada de posse depende de Loulé e neste ponto tudo roda a contento, já que os antigos membros ainda não abdicaram.

Quando à Comissão Regional de Turismo, um dos primeiros e sem dúvida dos mais justos saneamentos cá do sul, sabe-se da existência de uma comissão que substituiu a antiga, mas começa a não se dar por ela: Quarteira começa a recordar-se das antigas promessas, o pessimismo vai-se apoderando dos optimistas e quem sabe se com alguma razão. Bem entendido que Roma e Pavia, não se fabricaram num dia, não estão esquecidos os 48 anos de espera e portanto não se vai exigir tudo em pouco tempo. Esta é talvez a maior verdade, até por que se esperarmos duas décadas, ainda ganhamos quase três. Mas diz o adágio «guarda que comer, não guardes que fazer», já se perdeu demasiado tempo, as possibilidades de o recuperar são poucas, por isso temos justas razões para exigir mais rapidez por parte da jovem Comissão Regional de Turismo, resolução de pequenas obras, que tantas vezes representam muito.

Temos o caso do policiamento de Quarteira, que não sendo da sua competência, haveria que lhe dar uma ajuda: aquela muralha de pedra solta, desde a esplanada ao primeiro espigão, porque não se deitam ali umas carradas de terra, semeando uns chorões para alindamento da zona? Esta tinha sido uma das últimas promessas e o seu custo será tão insignificante que nos parece ao alcance de qualquer boa vontade. E para quando o acabamento do passeio na mesma zona? Não seria tempo de ceder uns metros à faixa de rodagem, retirando o muro existente, estreitando o passeio e encontrando assim espaço para parque de automóvel? Se uma comissão de homens que julgamos dinâmicos, receia estas pequenas obras, então teremos que ser menos optimistas e comprar bilhete para as filas F e E, o que equivale a dizer falta de esperança.

Não se aceite isto por derrotismo, mas onde está a razão para não se ser pessimista? Que tónicos teremos de tomar para nos rodearmos de optimismo e desatar o saco dos elogios? A não ser que

DAREMNE entre a serra e o mar I HULHIL

ENTRE a Serra do Caldeirão e o mar que banha as praias de Albufeira, precisamente no coração do Algarve, fica a freguesia de Paderne, com as suas várzeas férteis em pomares e hortas, figueiras e vinhedos, com as suas encostas e montes sobranceiros aonde abundam as árvores de frutos e se cultivam os cereais e legumes típicos do Algarve, onde mouream nas hortas ou nos sequeiros as pessoas da minha terra, uma comunidade tradicionalmente agrícola, trabalhadora e pacífica, hospitaleira e alegre, mais alegre ainda se não fora o manto negro de abandono e sujeição que suportou durante o longo domínio fascista.

Uma terra que, como todas as do barrocal algarvio, desde que se fomentou o turismo no Algarve, viu cada vez mais cercadas as suas legítimas aspirações, negadas as suas mais prementes necessidades vitais, em favor duma política de turismo para milionários, que consumia o dinheiro do erário público somente na faixa costeira, sofrendo as terras do interior, em contrapartida, a inflação e a falta de braços, provocadas por este tipo de turismo feito só para benefício duns tantos, como se todo o Algarve (e não só as suas praias) não oferecesse perspectivas de aproveitamento turístico. E como se o turismo devesse ser apenas privilégio de alguns, sobretudo estrangeiros, quando deveria ser acessível a todos, a começar pelos portugueses.

Paderne, como é natural, rejubilou com o 25 de Abril e a sua população, cheia de entusiasmo e de espírito democrático, tomou iniciativas com vista a uma nova orientação das autarquias locais, disposta a uma arrancada que a faça sair do letargo em que esteve durante longos anos e lhe proporcione perspectivas promissoras dum amplo desenvolvimento da sua agricultura, do seu comércio e da sua indústria. Para tanto, porém, é mister que todos os padernenses colaborem nesta tomada de consciência, se unam cada vez mais, se reúnam frequentemente para debaterem os seus problemas com franqueza, com entusiasmo, com solidariedade. É necessário que ponham de parte a desconfiança, o cepticismo, o medo, a tibeza, o individualismo, tão característicos dos tempos da ditadura.

É absolutamente necessário que não fiquem apenas à espera do que irão fazer a meia-dúzia de elementos que, muito acertadamente, escolheram para os representar na Junta de Freguesia e na Casa do Povo.

Há muita coisa a fazer e, para tanto, é necessário o concurso de todos, tendo agora muita oportunidade o velho conceito de solidariedade «um por todos e todos por um».

Não obstante viver ausente da minha terra natal há longos anos, tenho-a sempre presente no espírito mas, como é natural, ignoro certas facetas dos seus problemas, não me sentindo à altura de dar conselhos. Aproveito-me, no entanto, a sugerir, entre outras coisas, a escolha de delegados ou comissões representativas dos vários sítios da freguesia para, reciprocamente, trocarem ideias e colaborar com as comissões dirigentes das autarquias locais, mas de modo que o espírito de bairrismo não degenerem em queilhas mesquinhas que se sobreponham ao interesse geral. E parece-me oportuno que tais comissões se congreguem, desde já, no sentido da criação duma cooperativa agrícola ou qualquer outro tipo de associação mútua, com vista à obtenção de maiores facilidades de empréstimos e de meios técnicos, de que a agricultura local certamente carece.

Também me parece oportuno que, para já, se envidem esforços para a realização de palestras ou colóquios, para os quais se deveria convidar entidades conhecedoras dos assuntos agrícolas, bem como pessoas experientes na formação e gestão de cooperativas, por forma a esclarecer e estimular a população padernense para uma tomada de consciência e de iniciativa.

Francisco Rodrigues Neto

COMPRAM-SE

Terrenos nos Concelhos de Vila Real de Santo António e de Castro Marim, destinados a urbanização ou agricultura.

Resposta a: Graciano Relógio — Jornal do Algarve — Vila Real de Santo António.

tenhamos de voltar ao tempo do bate-palmas para arranjar um tacho se nem a moda do «muito bem, muito bem», já tem qualquer graça.

Não resta dúvida: o saneamento veio na hora «H». E a que horas chegará o dinamismo?

Manuel Faria



Acessórios de vestuário, como lenços, bolsas, sapatos, meias, jóias e cintos enchem há pouco um dos novos pavilhões da 101. IGEDO, em Düsseldorf, República Federal da Alemanha. Na Feira Internacional da Moda no Reno, 1 500 expositores de 20 países apresentaram modelos para o Outono e Inverno de 1974/75 a par de acessórios, principalmente vestidos, casacos, casacos e saias. Em 1973 o movimento de vendas da indústria do vestuário feminino atingiu na Alemanha Ocidental 2,6 biliões de dólares. A soma maior foi gasta em blusas.

Jornalistas de todo o Mundo participarão no Congresso da FIJET

A FIJET (Federação Internacional de Jornalistas e Escritores de Turismo) reúne largos milhares de elementos que em todo o Mundo se dedicam a esta actividade. Portugal obteve, no ano transacto, a sua filiação neste organismo através do reconhecimento da AJEPT (Associação dos Jornalistas e Escritores Portugueses de Turismo), a que preside Nuno Rocha, director de «Publituris» e «Equipotel» e redactor do «Diário de Lisboa».

Numa atitude simpática, e de que pode resultar promoção, à escala mundial, do turismo português, agora liberto de peias e gozando de mais aceitação internacional, foi deliberado que o congresso e assembleia geral da FIJET decorressem este ano no nosso País. Participarão mais de 200 jornalistas e escritores, estando prevista a vinda de delegações da Argélia, República Democrática Alemã, Bélgica, Canadá, Espanha, Finlândia, França, Grécia, Hungria, Irlanda, Israel, Itália, Holanda, Perú, Polónia, Roménia, Suécia, Checoslováquia, Turquia, Rússia, Venezuela, Jugoslávia, Alemanha Ocidental, Zâmbia, Costa de Marfim, Suíça, Líbano, Estados Unidos da América, etc.

Os trabalhos vão de 12 a 19 de Outubro, com começo e fim em Lisboa, mas decorrendo em grande parte no Algarve. Os congressistas visitarão nos dias 16, 17 e 18, percorrendo locais de interesse turístico e histórico e verificando as potencialidades turísticas da região Sul.

A comissão organizadora do congresso anunciou que, em Lisboa, os participantes serão recebidos pelos ministros Mário Soares, Raul Rego e Rui Vilas e apresentarão cumprimentos ao chefe do Governo, prof. Adelino da Palma Carlos.

Professores algarvios votam na Zona Autónoma do Algarve

No ginásio do Liceu de Faro decorreu um plenário de cerca de 500 dos professores de todos os graus que exercem o magistério no Algarve, que durante mais de quatro horas se debruçaram sobre problemas relacionados com questões do ensino nesta região. Foi feita ampla explanação dos motivos do plenário e sobre as três opções colocadas no que respeita ao Sindicato dos Professores, para integração do professorado ao nível nacional. Assim, foram apontados três caminhos: zona autónoma do Algarve, a par de outras zonas já definidas; integração do Algarve na Zona Sul, com os distritos de Portalegre, Évora e Beja e ligação do Algarve à Zona da Grande Lisboa (Distritos de Lisboa, Setúbal e Santarém). Verificaram-se intervenções, na maioria sobre a autonomia da zona algarvia e sua desligação da pretendida associação com o chamado «Sul». A votação foi clara, pois das listas entradas apuraram-se os seguintes números: zona autónoma do Algarve, 232 votos; integração na região sul, 6; ligação à «grande Lisboa», 24.

Foi depois eleita a comissão distrital de Faro ao Encontro Nacional dos Professores, constituída por um agente de cada grau de ensino.

Em seguida foram apresentadas três propostas para a estruturação da futura zona sindical, subscritas por professores dos Liceus de Portimão e de Faro e por um grupo de oito professores de Faro, dos vários graus. Dada a complexidade das propostas e para sua correcta e total apreciação foi resolvido levá-las ao conhecimento de todas as escolas para votação. Essas votações serão expressas pelos delegados que participam numa próxima reunião conjunta.

TEXTO DE EDUARDO VERÍSSIMO DE SOUSA VAMOS REIVINDICAR UMA UNIVERSIDADE PARA O ALGARVE?

Reivindicar, palavra que tanto uso tem conhecido nos últimos dias, significa reclamar um direito. Nós, algarvios, devemos reivindicar a nossa Universidade.

Agora que os tempos mudaram, também a política de ensino deve ser modificada, para bem de todos e não para interesse de alguns. Os interesses, que até hoje têm justificado um ostracismo cultural para a nossa Provincia, devem desaparecer. Urge rever as posições anteriormente tomadas quanto à localização das novas Universidades. Urge dar aos algarvios uma efectiva oportunidade de, culturalmente, poderem contribuir para a construção do novo Portugal. Urge dar ao Algarve uma Universidade.

A nossa Provincia não pode nem deve continuar a viver quase exclusivamente de e para o Turismo. Precisamos de um pouco de desenvolvimento cultural.

Quando o ex-ministro da Educação anunciou a criação de novas Universidades, os algarvios tomaram posição, tentaram conjugar esforços, pediram (com alguma insistência) uma Universidade para o Algarve. Como é do conhecimento geral, esta nossa justa aspiração não foi satisfeita.

É chegada a altura de exigirmos que nos seja feita justiça. Exigimos uma Universidade. Não a devemos mendigar nem tentar subornar (por exemplo com banquetes) quem de direito. Devemos unir-nos e reivindicar junto do Ministério da Educação e Cultura aquilo a que temos direito — uma Universidade no Algarve. A juventude algarvia merece-a.

...E TAMBÉM

HOTEL D. AFONSO HENRIQUES

LISBOA

FOI PINTADO COM
TINTAS

EXCELSIOR

Distribuidor para todo o Algarve

ESTANTARTE

REPRESENTAÇÕES E COMÉRCIO, Lda

Rua Abalim Aconchada, 54

Telef. 24787 FARO

